

TRILOGIA KOSMOS
EXCERTOS DO VOLUME 2
KEN WILBER

Tradução de Ari Raynsford (www.ariray.com.br)

EXCERTO G – RUMO A UMA TEORIA DE ENERGIAS SUTIS

ÍNDICE

I	Introdução: da Grande Cadeia do Ser ao Pós-modernismo em três passos fáceis	1
	Visão geral	1
	1. Primeiro passo	4
	O problema	4
	Solução sugerida	5
	2. Segundo passo	7
	O problema	7
	Solução sugerida	8
	3. Terceiro passo	9
	O problema	9
	Solução sugerida	10
II	Uma teoria integral de energias sutis	12
	O espectro de energias sutis	12
	Terminologia	17
	Involução e evolução	18
	A doutrina das duas verdades	19
	O problema	19
	Solução sugerida	20
	Resumo da realidade quântica	22
III	Algumas particularidades de uma teoria integral de energias sutis	23
	Refinamentos	23
	Uma taxonomia refinada de energias sutis	25
	Reencarnação	26
	Os chacras	29
IV	Algumas comparações com outros teorizadores	32
	Notas 1-6	33

Excerto G: Rumo a Uma Teoria Completa de Energias Sutis

Ken Wilber

I. Introdução: da Grande Cadeia do Ser ao Pós-modernismo em três passos fáceis

O texto a seguir é um excerto do primeiro rascunho do volume 2 da trilogia *Kosmos*, intitulado provisoriamente de *Kosmic Karma* (o volume 1 da trilogia foi *Sex, Ecology, Spirituality*). Este extrato sugere uma teoria coerente e abrangente das muitas abordagens para energias sutis, sua origem, natureza, e desenvolvimento. Este excerto em particular vem no fim do volume, o que significa que quem o lê não desfrutou do benefício (ou da tortura) de ter lido a primeira parte do livro. Portanto, apresentarei uma breve introdução, seguida por uma abordagem integral para energias sutis.

Os dois primeiros excertos de *Kosmic Karma* ("*An Integral Age at the Leading Edge*" e "*The Many Ways We Touch*") podem ser encontrados no site <http://wilber.shambhala.com/>; eles explicam a abordagem geral. "AQAL" (pronuncia-se aqual) é a abreviatura para "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos," que é a metateoria da abordagem integral, a ser explicada à medida que prosseguirmos.

Após a Introdução (Parte I), esboçarei uma "Teoria Integral de Energias Sutis" (Parte II), e concluirei fazendo uma comparação com outros teorizadores (Parte IV).

Visão geral

Antes de tratarmos da contribuição que a ciência moderna trouxe para o campo das energias sutis, vamos verificar o que as grandes tradições de sabedoria nos têm a dizer. Em seguida, tentaremos juntá-las numa teoria integral de energias sutis.

A tradicional "Grande Cadeia do Ser" é normalmente apresentada como: matéria, corpo, mente, alma, e espírito. No Vedanta, por exemplo, esses são, respectivamente, os 5 invólucros ou níveis do Espírito: *annamayakosha* (o invólucro ou nível do alimento físico), *pranamayakosha* (o nível do élan vital), *manomayakosha* (o nível da mente), *vijnanamayakosha* (o nível da mente superior ou alma) e *anandamayakosha* (o nível da bem-aventurança transcendental ou espírito causal. O Vedanta, claro, adiciona *turiya*, ou o Self transcendental sempre presente, e *turiyatita*, ou o Espírito-come-tal, não-dual, sempre presente, inqualificável, mas o esquema mais simples de cinco níveis servirá aos nossos objetivos introdutórios. Voltaremos mais tarde à versão mais "completa".)

Essa Grande Cadeia do Ser de cinco níveis pode ser representada esquematicamente como na figura 1. Embora tenhamos de ser muito cuidadosos com comparações interculturais, esquemas interpretativos semelhantes a essa Grande Cadeia, ou "Grande Ninho do Ser", podem ser encontrados na maioria das tradições de sabedoria do mundo "pré-moderno", como apresentado nas figuras 2 e 3, que são diagramas usados por Huston Smith para indicar as semelhanças gerais (ou imagens familiares) entre essas tradições.

Com referência à figura 1, note que a Grande Cadeia, como concebida por seus proponentes (de Plotino a Aurobindo), é realmente mais um Grande Ninho – ou o que é frequentemente chamado de uma "holarquia" – porque cada nível sênior vai além de seus níveis juniores, mas os envolve (ou os "aninha") – o que Plotino chamou "um desenvolvimento que é envolvimento." Porém, cada nível mais elevado também transcende radicalmente seus juniores e não pode nem ser reduzido a eles, nem explicados por eles. Isso é indicado na figura 1 como (A), (A + B), (A + B + C), e assim por diante, significando que cada nível sênior contém elementos ou qualidades que são emergentes e irreduzíveis.

Por exemplo, quando a vida (A + B) emerge da matéria (A), ela contém certas qualidades (tais como reprodução sexual, sensações interiores, autopoiese, élan vital, etc. – todas representadas por "B") que não podem ser atribuídas estritamente às condições materiais de "A". Do mesmo modo, quando a mente ("A + B + C") emerge da vida, ela contém características emergentes ("C") que não podem ser reduzidas, ou explicadas, somente pela vida e pela matéria. Quando a alma ("A + B + C + D") emerge, transcende a mente, a vida e o corpo. Assim, a evolução, é esse "desdobramento" do Espírito, da matéria para o corpo, para a mente, para a alma, para o Espírito em si, ou a realização do Espírito absoluto que é a Meta e a Essência da sequência inteira.

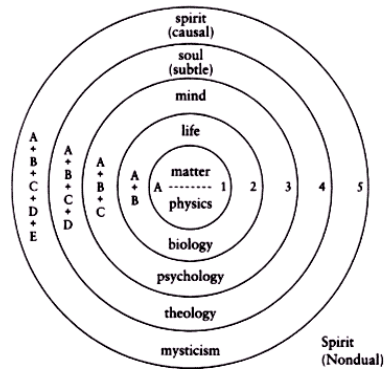


Figura 1. A tradicional Grande Cadeia do Ser

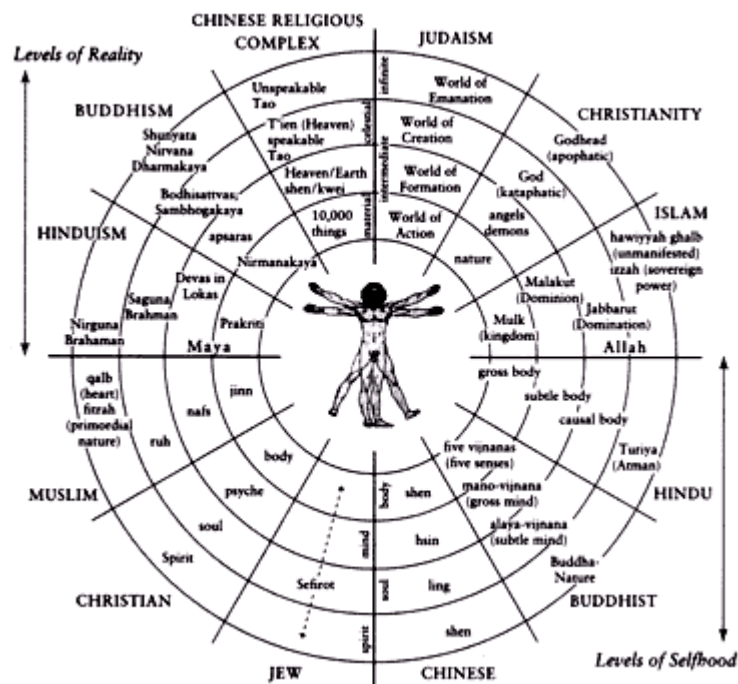


Figura 2. A Grande Cadeia em várias Tradições de Sabedoria; compilação de Huston Smith (layout gráfico – cortesia de Brad Reynolds).

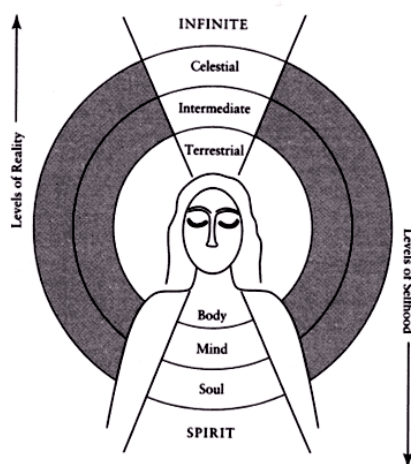


Figura 3. "Como é em cima, é embaixo" (em *Forgotten Truth* de Huston Smith; reimpressa com permissão.)

A melhor introdução para esse conceito tradicional é encontrada no clássico de Schumacher *A Guide for the Perplexed* (Um Guia para os Perplexos), título emprestado da grande exposição de Maimônides sobre o mesmo tópico. A ideia geral é de uma grande holarquia de ser e saber, com os níveis de realidade no mundo "exterior" refletidos nos níveis do eu (ou níveis "interiores" de ser e saber), o que é especificamente sugerido na figura 3.

Mas, segundo as tradições, esse processo completo de evolução ou "desdobramento" nunca poderia ter ocorrido sem um processo prévio de involução ou "dobramento." Não só não se pode explicar o mais alto em termos do mais baixo, como também o mais alto não emerge, de fato, do mais baixo; mas o contrário é verdadeiro, de acordo com as tradições. Isto é, as dimensões ou níveis mais baixos são realmente sedimentos ou depósitos das dimensões mais altas, e descobrem seu significado por causa das dimensões mais altas, das quais são uma versão diluída ou de nível inferior. Esse processo de sedimentação é chamado de "involução" ou "emanação." Segundo as tradições, antes que a evolução ou desdobramento do Espírito possa acontecer, a involução ou o dobramento do Espírito deve ocorrer: o mais alto sucessivamente decai para o mais baixo. Desse modo, os níveis mais altos parecem emergir dos níveis mais baixos durante a evolução – por exemplo, a vida parece emergir da matéria – porque, e só porque, ambas foram primeiramente lá sedimentadas pela involução. Você não pode conseguir o mais alto a partir do mais baixo a menos que o mais alto já esteja lá, em potencial – dormindo, por assim dizer – esperando para emergir. O "milagre da emergência" é simplesmente o jogo criativo do Espírito nos campos de sua própria manifestação.

Portanto, para as tradições, o grande jogo cósmico começa quando o Espírito se exterioriza, por esporte e divertimento (*lila, kenosis*), para criar um universo manifesto. O Espírito se "perde", "esquece" de si próprio, assume uma fachada mágica de diversidade (maia), a fim de criar uma grande brincadeira de esconder consigo mesmo. Inicialmente, o Espírito se projeta para criar a alma, a qual é um reflexo diluído e um degrau abaixo do Espírito; a alma, então, desce para a mente, um reflexo ainda mais pálido da glória radiante do Espírito; em seguida, a mente desce para a vida, e a vida desce para a matéria, que é a forma mais densa, mais baixa, menos consciente do Espírito. Poderíamos representar isso como: O Espírito-como-espírito desce para o Espírito-como-alma, que desce para o Espírito-como-mente, que desce para o Espírito-como-corpo, que desce para o Espírito-como-matéria. Esses níveis do Grande Ninho são todas formas do Espírito, mas essas formas tornam-se cada vez menos conscientes, cada vez menos cientes de sua Origem e Quididade, cada vez menos sensíveis à sua Essência eterna, embora nada mais sejam do que o Espírito-em-jogo.

Se representarmos os principais estágios emergentes da evolução como (A), (A + B), (A + B + C), e assim por diante – onde os sinais de adição significam que algo está emergindo ou sendo adicionado à manifestação – então podemos representar a involução como o prévio processo de subtração: o Espírito começa íntegro e completo, com todas as manifestações contidas potencialmente em si mesmo, que podemos representar em colchetes: [A + B + C + D + E]. O Espírito dá o primeiro passo na manifestação – e começa a perder-se na manifestação – desprendendo-se da natureza espiritual pura e assumindo uma forma manifesta, finita, limitada – isto é, a alma [A + B + C + D]. A alma agora esqueceu "E," ou sua identidade radical com e como Espírito; com a confusão e ansiedade resultantes, a alma foge desse terror descendo para a mente [A + B + C], que esqueceu "D," seu esplendor de alma; e a mente foge para a vida, esquecendo "C," ou sua inteligência; e, finalmente, a vida perde sua vitalidade vegetativa "B" e surge como a matéria "A", não-senciente, inanimada – nesse ponto, algo como o *Big Bang* acontece, quando então a matéria explode na existência concreta e parece existir em todo o mundo manifesto apenas matéria não-senciente, inanimada, morta.

Mas, curiosamente, essa matéria é ativa, não é mesmo? Não parece ficar deitada, aproveitando o seguro-desemprego, assistindo televisão. Incrivelmente, ela começa a acordar: "ordem a partir do caos" é como a física da complexidade chama isso – ou estruturas dissipativas, ou auto-organização, ou transformação dinâmica. Mas os tradicionalistas foram mais diretos: "Deus não permanece petrificado e morto; as pedras clamam e elevam-se na direção do Espírito", como afirmou Hegel.

Em outras palavras, de acordo com as tradições, uma vez que a involução aconteceu, então a evolução começa ou pode começar, movendo-se de (A) para (A + B), para (A + B + C), e assim por diante, com cada principal passo emergente nada mais sendo do que um desdobramento ou lembrança das dimensões mais elevadas que foram secretamente dobradas ou sedimentadas nas mais baixas durante a involução. Aquilo que foi desmembrado, fragmentado e esquecido na involução é lembrado, reunido, inteirado e percebido durante a evolução. Daí a doutrina da anamnese, ou "recordação" platônica e vedântica, tão comum nas tradições: se a involução é um esquecimento de quem você é, a evolução é uma recordação de quem e o que você é – *tat tvam asi*: você é Isto. *Satori*, *metanoia*, *moksha* e *wu* são alguns dos nomes clássicos para essa realização.

1. Primeiro passo

Por mais belo e brilhante que seja esse esquema interpretativo, ele tem seus problemas. Não é que o esquema propriamente dito esteja errado, mas sim que os mundos moderno e pós-moderno adicionaram diversos insights profundos que precisam ser incluídos ou incorporados, se quisermos ter uma visão mais integral ou abrangente. Isso é o que significa "da Grande Cadeia do Ser ao Pós-modernismo em Três Passos Fáceis".

O problema

O Grande Ninho, involução e evolução, níveis dimensionais de ser e saber: essas foram algumas das contribuições profundas dos grandes santos e sábios do mundo pré-moderno, e podem ser realmente encontradas em tudo, desde as *Enéadas* de Plotino ao *Lankavatara Sutra*, ao *The Life Divine* de Aurobindo, todas expressões dos grandes sistemas metafísicos.

Mas existe um ponto que talvez devamos ter em mente quando nós, modernos, tentamos avaliar essas ideias: em última análise, os grandes sistemas metafísicos foram estruturas interpretativas que os sábios deram a suas experiências espirituais. Esses esquemas, como a Grande Cadeia, foram interpretações de experiências vividas – eles não foram tipos fixos e rígidos de grades ontológicas que são verdadeiros por toda a eternidade. Se, a seguir, questiono a adequabilidade de algumas dessas interpretações, não estou em absoluto

questionando a autenticidade das experiências ou realizações desses grandes sábios. Estou simplesmente sugerindo que, à medida que a evolução se desenvolve, novos horizontes podem ser usados para recontextualizar e remodelar essas experiências em sistemas de malhas interpretativas, que são mais adequados à luz das contribuições modernas e pós-modernas, de forma que o resultado líquido seja uma integração do melhor das formas pré-moderna, moderna e pós-moderna do desdobramento do Espírito.

Para atingir esse objetivo, sugerirei três dificuldades centrais relativas às estruturas interpretativas dos grandes sistemas metafísicos, como também sugerirei três remédios. Em minha opinião, queremos manter tanto quanto possível os grandes sistemas tradicionais, ao mesmo tempo em que abandonamos suas interpretações metafísicas dispensáveis, interpretações que não só não são necessárias para explicar o conjunto de dados, como também garantem que a espiritualidade não conseguirá um julgamento justo no tribunal do pensamento moderno e pós-moderno.

A primeira dificuldade pode ser vista com esse exemplo. Se você olhar para quaisquer das figuras que representam a metafísica tradicional (figs. 1, 2, 3), notará que todos os níveis superiores à matéria são realmente metafísicos, o que significa além da física ou além da matéria. O nível material inclui, por exemplo, o cérebro humano como uma entidade material complexa. De acordo com os sistemas metafísicos, isso significa que as sensações de um verme (que estão no nível 2) encontram-se num nível mais elevado de realidade que o cérebro humano (que está no nível 1).

É claro que algo está errado com esse esquema. Parte do problema é que a relação entre a consciência humana e a neurofisiologia humana não é óbvia (e nem mesmo está disponível) para a fenomenologia introspectiva (isto é, para a meditação ou contemplação), o que significa que itens como dopamina, serotonina, circuitos sinápticos, o ciclo de Kreb, a regulação hipotalâmica, e assim por diante, não estavam geralmente disponíveis para os antigos. Novamente, isso não significa que sua realização espiritual foi falha ou inadequada, mas simplesmente que eles não tinham conhecimento de alguns fatos finitos descobertos pela ciência moderna. Se Plotino vivesse hoje, você pode apostar que dedicaria vários capítulos das *Enéadas* à neurofisiologia cerebral e sua relação com o espírito. Se Shankara vivesse hoje, sem dúvida seus comentários nos *Brahma Sutras* apresentariam extensas discussões sobre a relação dos *nadis* com os neurotransmissores.

Solução sugerida

O que Plotino ou Shankara poderiam ter concluído sobre a relação entre as realidades espirituais e as realidades materiais, como o cérebro? Acredito que teriam concordado com o seguinte; mas em todo caso, aqui está a sugestão nº 1:

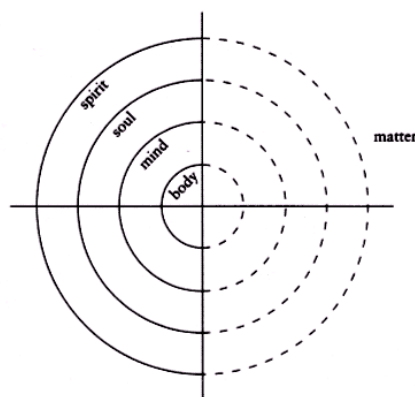


Figura 4. Primeiro Passo: A matéria não é a "parte inferior" de todos os níveis, mas a "parte exterior" de todos os níveis.

No mundo manifesto, o que chamamos de "matéria" não é o degrau inferior do grande espectro de existência, mas a forma exterior de todos os degraus do grande espectro. A matéria não é inferior e a consciência, superior, e sim matéria e consciência são o exterior e interior de cada situação.

Isso pode ser esquematicamente representado como mostrado na figura 4, e em mais detalhes, na figura 5. A jogada básica aqui é considerar a "matéria", que aparece no degrau inferior da existência (com todos os outros níveis sendo mais elevados e "meta"-físicos), e reposicioná-la como a forma exterior de todos os outros níveis. As tradições sempre entenderam que os níveis "mais elevados" que a matéria são "invisíveis" aos sentidos comuns, e o mesmo é verdadeiro em nossa reformulação: isto é, todas as dimensões "interiores" (sensações, compreensão mútua, compaixão, conscientização, consciência, etc.) são invisíveis aos sentidos exteriores; mas podemos afirmar isso sem fazer interpretações "metafísicas" desnecessárias. (Já sei, e o que dizer sobre a reencarnação? Espere um pouco...)

Por enquanto, estamos limitando nossa atenção aos dois quadrantes superiores. No Quadrante Superior Direito, podemos ver a evolução exterior de formas "materiais" ou "físicas", como descoberta pela ciência moderna. Essas formas exteriores incluem, em ordem crescente de complexidade evolucionária, itens como: átomos, moléculas, células primitivas ou procarióticas, células verdadeiras ou eucarióticas, organismos com redes neurais, organismos com cordão neural (por exemplo, camarão), um tronco cerebral reptiliano (por exemplo, lagarto), um sistema límbico (por exemplo, cavalo), um neocórtex ou cérebro trino (por exemplo, seres humanos, com vários "funções estruturais" mais elevadas também listadas).

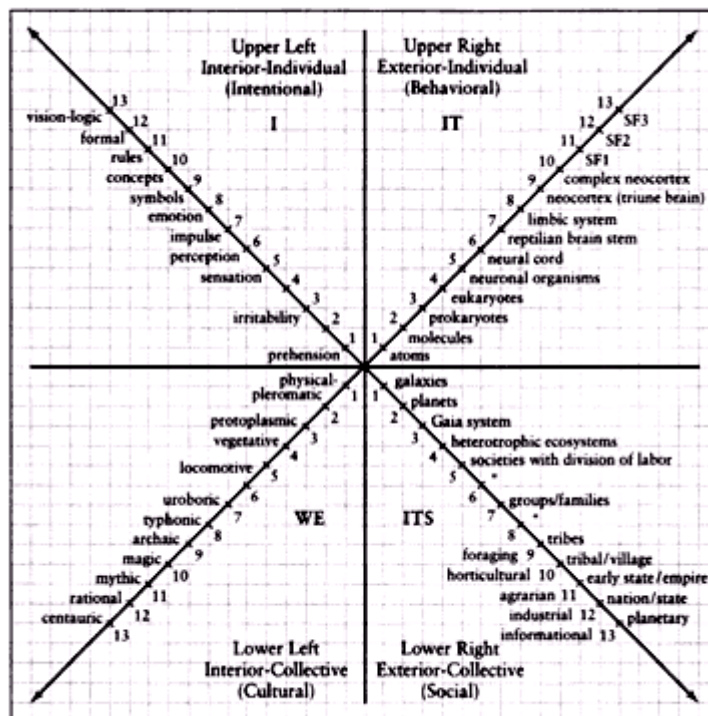


Figura 5. Os Quatro Quadrantes.

Todas são formas "exteriores" ou "materiais", uma vez que você as pode ver no mundo exterior ou sensorio-motor. Mas cada uma dessas formas materiais de complexidade crescente tem, como correlato interior, um nível de consciência crescente. Desse modo (seguindo Whitehead): átomos, cujas formas exteriores são entidades físicas como

nêutrons, prótons e elétrons, possuem um interior de apreensão ou protossensações (protoconscientização); organismos neurais possuem sensações interiores; organismos com cordão neural têm percepção; o aparecimento de animais com tronco cerebral reptiliano gera a emergência de impulsos e instintos interiores; um sistema límbico exterior emerge com emoções interiores; um cérebro trino é a forma exterior ou material de uma consciência interior que pode conter, entre muitas outras coisas, cognição operacional-formal, moralidade pós-convencional, visão-lógica, capacidades linguísticas e assim por diante. (Você pode ver algumas dessas correlações entre o Quadrantes Superior Direito e Superior Esquerdo na fig. 5.)

Em outras palavras, a matéria não é o degrau inferior da espiral evolucionária, mas sim a forma exterior de uma evolução cujos interiores contêm níveis correlatos de sensações, conscientização, consciência, e assim por diante. A metateoria AQAL trata disso dizendo que toda mente tem um corpo, ou todo estado de consciência tem um estado de assinatura correspondente de matéria-energia, ou cada apreensão interior tem um forma exterior – em resumo, toda situação do Quadrante Superior Esquerdo tem uma correlata no Quadrante Superior Direito e vice-versa. Não é meramente que os níveis mais elevados (vida, mente e alma) deixem impressões ou pegadas na matéria (que permaneceria no nível mais baixo), mas que o que nós chamamos de matéria é a forma exterior de cada um dos níveis interiores (como sugerido nas figs. 4 e 5).

Assim, o que os sábios pré-modernos assumiram como realidades META-físicas são, em muitos casos, realidades INTRA-físicas: elas não estão acima da matéria, nem além da natureza, nem são metafísicas, nem sobrenaturais; não estão acima da natureza e sim dentro dela; não além da matéria, mas em seu interior.

Não existe nenhum modo simples para que um santo pré-moderno, em meditação profunda sobre a natureza da alma, pudesse saber que seu padrão de ondas cerebrais encontrava-se em estados alfa-teta; nenhum modo para saber que a serotonina estava aumentando, que o ácido láctico neural estava diminuindo, que a necessidade de oxigênio das células fora significativamente reduzida, e que estavam ocorrendo lateralizações hemisféricas. Portanto, todas as revelações interiores da alma pareciam e eram sentidas como se não fossem físicas, não fossem materiais, não fossem conectadas de nenhuma maneira à natureza, não fizessem parte do tecido da manifestação material: elas eram metafísicas em todos os sentidos.

Como veremos, existem alguns aspectos das dimensões superiores que podem ser verdadeiramente metafísicos; mas a primeira coisa que devemos notar é que grande parte do que a pré-modernidade assumiu como metafísica é, de fato, intrafísica, não acima, mas interior à natureza. Esse é o primeiro passo para nos movermos da metafísica para a pós-metafísica integral.

2. Segundo passo

O problema

O passo nº 1 envolve a adição das contribuições inestimáveis da ciência moderna à profunda sabedoria das tradições pré-modernas. O passo nº 2 trata de acrescentar as importantes contribuições do retorno pós-moderno ao Espírito.

Essas contribuições são resumidas nos dois quadrantes inferiores da figura 5. Os quadrantes superiores representam um ser individual; os quadrantes inferiores um grupo, uma coletividade ou sistema de seres individuais. Os quadrantes esquerdos representam os interiores de um indivíduo ou grupo; e os quadrantes direitos representam os exteriores de um indivíduo ou grupo. Desse modo, os quatro quadrantes são o interior e o exterior do indivíduo e da coletividade. (Novamente, por favor, perdoe-me esses atalhos na explicação.

Vide, por exemplo, *A União da Alma e dos Sentidos – Integrando Ciência e Religião*, para uma discussão mais completa.)

O ponto importante relativo à pós-modernidade é simplesmente esse: da mesma maneira que os antigos não puderam aproveitar as descobertas científicas modernas nas interpretações metafísicas das suas experiências espirituais autênticas, eles também não puderam aproveitar as revelações profundas do pós-modernismo, da etnometodologia, do contextualismo cultural, da sociologia do conhecimento, e assim por diante. Juntando todas elas, chega-se a uma acusação devastadora: muitas coisas que os sábios antigos assumiram como absolutos metafísicos são, de fato, culturalmente moldadas e condicionadas.

Solução sugerida

Isso não significa que não existam verdades interculturais ou universais. Simplesmente significa que identificá-las exige muito mais cuidado do que a metafísica imaginou; e que essa identificação deve ser feita com metodologia de pesquisa e não com especulação metafísica. (Vide *Excerpt "C"* no site wilber.shambhala.com.)

A contribuição pós-moderna para a discussão pode ser resumida dizendo-se que todo indivíduo está aninhado em sistemas de redes culturais e sociais, redes que têm uma profunda influência no ser e saber dos próprios indivíduos. Essas redes estão no Quadrante Inferior Esquerdo – QIE (cultural) e no Quadrante Inferior Direito QID (social) da figura 5. O QID representa sistemas sociais – os sistemas coletivos ou exteriores coletivos de organismos individuais, exteriores que podem ser vistos no mundo exterior ou sensório-motor (lembre-se de que os quadrantes direitos podem ser vistos "lá fora" porque são "materiais" ou "exteriores"). Esses sistemas exteriores incluem itens como ecossistemas, sistemas geopolíticos, meios de tecnoprodução (caça e coleta, horticultural, informacional, etc.) e todos os aspectos visíveis, exteriores, concretos de coletividades ou sistemas. Novamente, notem que, para as tradições metafísicas, todos esses "sistemas materiais" estariam no degrau mais baixo da existência, enquanto que, para a pós-metafísica integral, eles são simplesmente as dimensões exteriores coletivas dos níveis "mais elevados" (agora interiores). O QID é especialmente a "Natureza" na qual as dimensões mais elevadas agora estão dentro, não acima.

O QIE ou quadrante cultural representa todos os interiores de grupos ou coletividades, interiores (como todos os quadrantes esquerdos) não podem ser vistos "lá fora"; interiores como valores de grupo, identidades, visões de mundo, convicções culturais, contextos de fundo e assim por diante. A teoria de sistemas foca o QID e o pós-estruturalismo pós-moderno foca o QIE – representando os exteriores e interiores do coletivo.

A teoria de sistemas, em suas muitas formas, enfatiza o fato que todo organismo individual está inseparavelmente interconectado com seu ambiente em teias dinâmicas de relações e ecossistemas, tudo podendo ser visto "lá fora" – o que novamente mostra que a "matéria" não é o nível mais baixo de ser, mas simplesmente a forma exterior de todos os níveis interiores de ser (nesse caso, a forma exterior do sistema coletivo ou comunal).

Obviamente, nada na teoria de sistemas ou na ecologia lida com estados interiores de beleza, *satori*, *samadhi*, entendimento mútuo, valores, visões de mundo e assim por diante, porque todos esses são realmente interiores (e, portanto, inacessíveis à ecologia ou teoria de sistemas). O esforço para reduzir todas as realidades a um único quadrante, como a teoria de sistemas frequentemente faz (por exemplo, Fritjof Capra), é conhecido como absolutismo de quadrante, e é algo que um pluralismo metodológico integral tenta evitar.

Por outro lado, o pós-modernismo é conhecido por focalizar os aspectos interiores ou culturais de estar no mundo de um indivíduo, onde enfatiza que muito do que qualquer

sociedade assume como "dado," "verdadeiro," e "absoluto" é, na realidade, culturalmente moldado, condicionado e relativo. O fato de o pós-modernismo ser frequentemente pego em seu próprio absolutismo de quadrante (onde ele tenta reduzir tudo a construções culturais no QIE) não deve prejudicar as importantes verdades que ele revelou – as quais resumimos dizendo que toda situação tem uma dimensão de QIE.

Assim, os quatro quadrantes representam quatro dimensões inseparáveis de estar no mundo de qualquer indivíduo. Essas dimensões são tão fundamentais que toda as principais linguagens naturais as contêm como pronomes de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa, que podem ser resumidos como eu, nós, isso, e "issos". O quadrante superior esquerdo (QSE) é "eu," as sensações interiores ou conscientização de qualquer ser senciente individual (átomos a formigas, a macacos). O quadrante superior direito (QSD) é "isso," a forma exterior de um ser senciente (isto é, sua matéria e energia – que inclui, como logo veremos, as energias sutis). O QID é a forma exterior de um grupo, coletividade, ou sistema de seres ou indivíduos sencientes. E o QIE, o interior ou consciência coletivos, valores coletivos, experiências intersubjetivas, contextos culturais, e assim por diante. Novamente: o interior e o exterior individual e coletivo.

Incluí mais um diagrama, que apresenta os quatro quadrantes com algumas das suas formas como aparecem nos seres humanos (fig. 6).

Não vou fazer um longo e cansativo arrazoado, mas simplesmente exponho minha opinião de maneira bem firme: qualquer espiritualidade pré-moderna que não entre em acordo com a modernidade e a pós-modernidade não tem nenhuma chance de sobrevivência no mundo futuro. Um modo de efetuar essa integração é usando AQAL ("todos os quadrantes, todos os níveis"), que combina as contribuições duradouras do pré-moderno, moderno, e pós-moderno. O "todos os níveis" refere-se ao grande espectro de ser e saber inicialmente interpretado tão brilhantemente pelo grandes sábios pré-modernos – matéria para corpo, para mente, para alma, para espírito (retornaremos a esses níveis daqui a pouco). O "todos os quadrantes" refere-se aos refinamentos trazidos pela modernidade (isto é, a matéria não está no degrau inferior, mas no exterior dos degraus) e pela pós-modernidade (isto é, todo ser individual está inserido em contextos culturais e sociais).

Adotar algo como uma estrutura AQAL é o segundo grande passo para nos movermos da metafísica para a pós-metafísica integral.

3. Terceiro passo

O problema

Agora começaremos a considerar o papel e natureza da energia densa, energia sutil e energia causal. Eu já sugeri que massa e energia são aspectos do QSD de todo ser individual—isto é, elas representam algumas das formas exteriores de todo indivíduo (e de todo sistema, como veremos).

O problema aqui pode ser expresso da seguinte maneira. Considerando: (1) a falta de clareza pré-moderna sobre o papel da matéria; e (2) o fato que os antigos, por essa razão, consideravam as energias sutis como fundamentalmente metafísicas ou sobrenaturais; mas dado que: (3) o entendimento moderno sobre a matéria é que ela não é a parte inferior e sim a exterior; então (4) como reinterpretar mais adequadamente a relação entre energias sutis e formas materiais densas?

Posto de maneira simples, já que a matéria não é a parte inferior de todos os níveis, mas o exterior de todos os níveis, como a energia sutil se ajusta nesse esquema? Nas tradições pré-modernas, a energia sutil ou "prana" era normalmente descrita como o segundo nível na Grande Cadeia (por exemplo, pranamayakosha): era um nível de energia astral ou etérica

"acima da" energia e matéria físicas. Porém, se a matéria em si foi reinterpretada, como poderemos, igualmente, reinterpretar a energia sutil para mantê-la em sintonia com as revelações modernas e pós-modernas do próprio desdobramento do Espírito?

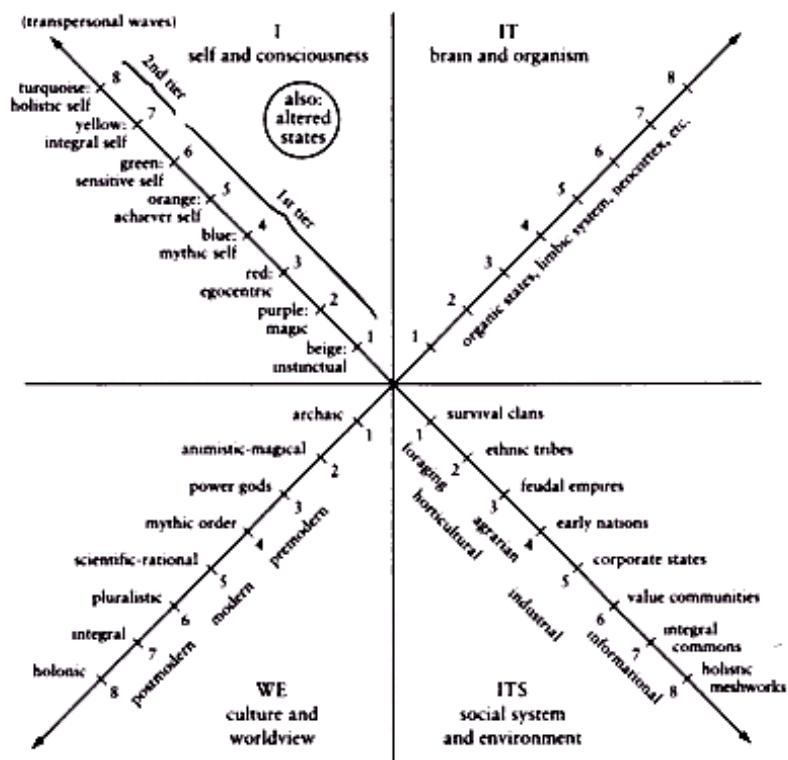


Figura 6. Alguns aspectos dos Quatro Quadrantes como aparecem nos seres humanos.

Solução Sugerida

A solução sugerida nesse caso vem na forma de três hipóteses, duas das quais nós já vimos, a terceira trata diretamente desse ponto.

Nº 1. A evolução crescente gera complexidade crescente da forma densa. No QSD, por exemplo, vemos quarks para prótons, para átomos, para moléculas, para células, para organismos complexos. Esse aumento em complexidade da forma (via processos como diferenciação e integração) há muito já foi observado por biólogos evolucionários. Ervin Laszlo: "Desse modo, ao mesmo tempo em que um novo nível de organização significa uma simplificação da função sistêmica e da correspondente estrutura sistêmica, também significa a iniciação de um processo de complexificação estrutural e funcional progressivo." Acho que essa "complexificação" é bastante óbvia e não precisamos nos deter nela.

Nº 2. A complexidade crescente da forma (no QSD) está correlacionada com a crescente consciência interior (no QSE). Essa foi a "lei de complexidade e consciência" de Teilhard de Chardin – isto é, quanto mais da primeira, mais da última. Poderíamos enunciar de modo mais preciso: quanto maior o grau de complexidade exterior da forma material, maior o grau de consciência interior que pode ser desempenhado no âmbito daquela forma (isto é, correlação entre QSD e QSE).

Nº 3. Por último – e essa é a hipótese conectiva – a complexidade crescente da forma densa está correlacionada com a sutileza crescente de energias. À medida que a evolução se encaminha para formas densas cada vez mais complexas, o grau crescente de

complexidade densa é acompanhado por correspondentes padrões (ou assinaturas) de energias cada vez mais sutis. Já que, neste momento, estamos focalizando seres individuais, eis o que temos: a evolução crescente gera complexidade crescente da forma densa (no QSD), que se correlaciona com um grau crescente de consciência (no QSE), e, no próprio QSD, com uma sutilização de energias correspondentes. Portanto, em vez de interpretar níveis mais elevados como estando essencialmente divorciados da matéria densa ou da forma densa, a complexificação da forma densa é o veículo de manifestação tanto de maior consciência quanto de energias mais sutis.¹

Se essas ligações conectivas se mantiverem, esse seria o terceiro importante passo para movermo-nos de uma metafísica pré-moderna para uma pós-metafísica integral, uma mudança que, creio, retém as verdades duradouras das grandes tradições metafísicas, sem as suas aparentes estruturas interpretativas antiquadas. Isso nos leva ao fim dessa breve introdução e ao início da discussão principal sobre uma teoria integral de energias sutis.

II. Uma teoria integral de energias sutis

O espectro de energias sutis

Como sempre, primeiramente vamos nos familiarizar com as tradições de sabedoria, e depois ver como seus profundos insights podem ser atualizados com AQAL.

A ideia de que, além de um espectro de consciência, existe um espectro de energia é comum em muitas tradições. Um tal espectro vai da energia física densa, para a energia etérica, para a energia astral, para a energia psíquica, para a energia causal. Neste momento, sem discutir os detalhes, simplesmente aceitemos que exista um tal tipo de espectro de energia sutil.

De maneira geral (que refinaremos à medida que prosseguirmos), esses 5 níveis de energia são essencialmente correlacionados com os 5 níveis de consciência (por exemplo, como apresentado na fig. 1). De acordo com as tradições, essas energias não são a mesma coisa que a consciência; a consciência não pode ser reduzida a essas energias; nem elas podem ser reduzidas à consciência. Esses níveis de energia acompanham e suportam seus correspondentes níveis de consciência (de forma que uma energia densa é o suporte da consciência densa, uma energia sutil é o suporte da consciência sutil, uma energia causal é o suporte da consciência causal, e assim por diante).

Pode-se representar o espectro de energia tal como na figura 1 (energia física, energia vital, energia mental, energia anímica). Todos os níveis, tanto de consciência quanto de energia, superiores ao nível mais baixo (ou "matéria") eram completamente transmateriais (metafísicos, sobrenaturais). Afirmava-se que essas energias formavam esferas concêntricas de expansão crescente, mas eram em si mesmas, essencialmente, não-material-densas (ou, ontologicamente, preexistentes e separáveis da matéria).

Os pontos essenciais dessa formulação ainda podem ser verdadeiros, e são verdadeiros, eu creio. Mas com a compreensão do enfoque naturalista da matriz AQAL, podemos reconhecer que muitos dos itens que as tradições pré-modernas acreditavam ser completamente transmateriais ou metafísicos são, na verdade, relacionados com a complexificação da matéria, não uma mera transcendência da matéria.

Sugerimos que essa naturalização de ocasiões metafísicas apresente três importantes componentes: a complexidade da forma densa (no QSD) está relacionada com um grau crescente da consciência (no QSE), e com uma utilização de energias correspondentes no próprio QSD. Podemos representar isso, grosseiramente, como na figura 7.

Nessa figura, vemos que os campos de energia que se pensava estar pairando metafisicamente além da matéria, na realidade emergem em correlação íntima com a complexificação da matéria. Esses campos sutis não podem ser reduzidos à matéria, mas nem tampouco são ontologicamente desconectados da matéria. O fantasma desconectado da máquina está, de fato, intimamente relacionado ao grau de complexidade da máquina. Cada mente tem seu corpo. Mente mais sutil e sofisticada significa, simplesmente, corpo mais sutil e sofisticado. Como veremos em breve, as tradições (particularmente o *Vedanta* e o *Vajrayana*) tiveram um compreensão muito profunda da relação entre consciência densa, sutil e causal com corpos densos, sutis e causais – mas eles não captaram completamente a hipótese conectiva nº 3 (isto é, a relação de tudo isso com as complexificações da matéria densa).

O elo perdido de ligação é sugerido na figura 7. Nessa figura, simplesmente assumimos a existência do espectro de energia como dado pelas tradições (física, etérica, astral, psíquica, etc.), e então fizemos algo que as tradições não puderam fazer: aproveitamo-nos da ciência moderna e correlacionamos o aparecimento desses campos sutis com o registro

evolucionário; em seguida, rastreamos a correlação de energias sutis com as complexidades da matéria densa. Eis aqui uma breve elaboração do que descobrimos (como resumida na figura 7).

As formas primitivas da evolução – como quarks, elétrons, prótons, átomos e moléculas – são acompanhadas pelas quatro forças-energias fundamentais da matéria densa: eletromagnética, gravitacional, nuclear forte e nuclear fraca. É comum referir-se a elas como energias "físicas" ou energias "densas", e isso está correto, desde que nos lembremos que essas energias "físicas" ou "materiais" não são a totalidade da matéria-energia, mas simplesmente os níveis mais baixos da matéria-energia (isto é, os níveis inferiores de massa-energia no quadrante superior direito). Genericamente falando, energias densas cercam seus corpos materiais associados em vários tipos de campos; a energia em si, em sua forma típica, propaga-se como um evento partícula/onda.

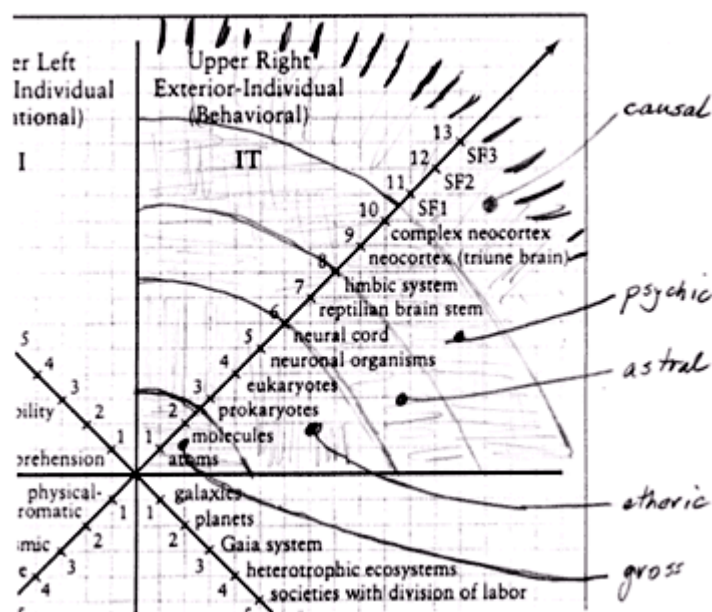


Figura 7. Complexificação da forma densa é acompanhada por energias mais sutis.

Com o aparecimento, durante a evolução, das formas materiais complexas que chamamos de "vida" (começando com vírus e procariotes), uma energia mais sutil – frequentemente chamada de "etérica" – emerge. Como indicado, esses campos de energia etérica circundam os campos de energia física de uma maneira holônica (isto é, como esferas de expansão crescente).

Nota: na metateoria AQAL, o Kosmos manifesto é composto de hólons em várias perspectivas. Um hólón é um todo/parte – ou uma totalidade que é, simultaneamente, parte de outras totalidades – por exemplo, um átomo é parte de uma molécula, que é parte de uma célula, que é parte de um organismo, etc. Hólons individuais, indefinidamente para baixo – átomos, quarks, férmions – possuem uma centelha de sensibilidade ou apreensão, de forma que todos os hólons individuais são seres sencientes. Todos os hólons individuais também são o que Whitehead chamou de "individualidades compostas" ou individualidades formadas por individualidades juniores: uma célula é uma individualidade composta formada por moléculas, que são individualidades compostas formadas por átomos, que são individualidades compostas...

Quando uma ocorrência (ou hólón) é olhada sob o enfoque de primeira pessoa (como um "eu" ou ser senciente), deparamo-nos com os tipos de fenômenos listados no quadrante superior esquerdo (como apreensão, sensações, impulsos, conscientização, consciência, etc.) Quando esse mesmo hólón é observado de um modo objetivo de terceira pessoa (como um "isso"), encontramos os tipos de fenômenos listados no quadrante superior direito (como massa do hólón, forma e energia mórfica, as quais podem ser descritas em termos de terceira pessoa ou "isso", diferentemente do QSE, que só pode ser descrito em termos de "eu"). No momento, estamos rastreando a evolução de hólons olhando para suas formas exteriores de matéria e energia (isto é, eventos no quadrante superior direito), à medida que emergiram no curso da evolução.

Os estágios gerais dessa emergência evolucionária, no que diz respeito a suas formas no QSD, são sugeridos na figura 7. Quando um hólón é observado sob uma perspectiva objetiva ou de terceira pessoa, verificamos que corpos materiais – como átomos, moléculas, células – são cercados por campos de energia que estão, de acordo com a hipótese nº 3, relacionados a graus crescentes de complexidade da forma material densa. Cada um desses campos de energia – físico, astral, etérico, etc. – envolvem e envelopam seus campos juniores da mesma maneira que suas formas materiais associadas envolvem e envelopam suas formas juniores (por exemplo, uma célula envolve moléculas, que envolvem átomos, etc.). Desse modo, os indivíduos compostos e seus campos de energia associados são ambos "holônicos". Retornaremos a esses pontos ao longo da exposição.

À medida que a evolução continua a produzir uma complexificação da forma densa, tipos de vida emergem e começam a interpretar estímulos ambientais de modos muito sofisticados, usando sistemas de órgãos como uma rede neural e um tronco cerebral reptiliano. Com a emergência de um tronco cerebral e de um sistema límbico paleomamífero, uma energia ainda mais sutil – chamada de "astral" – também começa a emergir. "Astral" pode significar muitas coisas, mas, em especial, significa um campo poderoso de energia emocional – mais sutil que a física e a etérica – que permeia o organismo vivo (por exemplo, fluindo pelos meridianos da acupuntura) e também se estende além, envolvendo os campos físico e etérico numa expansão holônica. (Veremos esses campos de energia holônica quando chegarmos ao diagrama de Burr, adiante.)

Mas, novamente, esses campos de energia não são radicalmente metafísicos, porque se fossem, então todos eles (já que não se limitariam a objetos físicos), poderiam e estariam envolvendo todos os objetos físicos, quando, o que de fato acontece, é que esses campos só emergem (e envolvem) objetos materiais de um grau correspondente de complexidade. Uma pedra não tem um campo emocional; um verme não tem um campo mental, e assim por diante. A revolução moderna (ou naturalista) nos permite ancorar esses campos na natureza, sem reduzi-los à natureza. Uma história natural desses campos de energia mostra que eles emergem em correlação com o grau de complexidade da forma densa, e juntos (a forma e sua energia correspondente) são as correlações do QSD (ou os exteriores observáveis) dos graus crescentes de consciência do QSE. As formas e energias podem ser vistas sob a perspectiva de terceira pessoa (elas são os componentes "isso", ou os componentes objetivos de todas as unidades mórficas, ou hólons, vistos do exterior); a consciência só pode ser conhecida sob o enfoque de primeira pessoa (como o "eu" de hólons vistos de dentro).

Continuando a história natural de energias sutis: a partir do ponto onde a evolução da forma densa crescentemente complexa produz um cérebro trino, uma energia ainda mais sutil – conhecida como "psíquica" – emerge. "Psíquico", nesse caso, significa simplesmente "campos de pensamento", que são produzidos por atividade mental sustentada. Esses campos envolvem e envelopam o físico, o etérico e o astral – mas eles SÓ emergem em, através de e ao redor de formas suficientemente complexas que incluem cérebros trinos.

O ponto importante é que todos esses campos – físico, etérico, astral, psíquico – são uma parte inerente dos hólons correspondentes no quadrante superior direito. Isto é, o exterior de um ser individual senciente (átomos a formigas, a macacos) consiste de uma forma mórfica individual e de seus campos de energia relacionados. Já que todo hólón é, na realidade, um hólón composto, ele contém em sua estrutura os sub-hólons prévios, que, por sua vez, possuem sua própria preensão interior (QSE) e forma e campo de energia exteriores (QSD), todos continuando sua própria existência relativamente independentes, mas agora envolvidos e incluídos no abraço do hólón superior, do qual são subcomponentes – hólons dentro de hólons, campos dentro de campos, energias dentro de energias, indefinidamente.

Daí por que a consciência, formas e campos de energia são holárquicos. Todos são hierarquias nidiformes de transcendência e inclusão. Nos domínios exteriores, que são marcados por sua extensão no espaço-tempo, você realmente pode observar muitas dessas holarquias: no QSD, células fisicamente envolvem moléculas, que fisicamente envolvem átomos. Igualmente, no QSD, o campo de energia psíquica envolve e envelopa (transcende e inclui) o campo astral, que envolve e envelopa o etérico, que envolve e envelopa o físico....

Harold Saxon Burr, fisiologista de Yale, que foi um dos primeiros grandes pioneiros na pesquisa científica (ou de terceira pessoa) de campos de energia, usava frequentemente um diagrama como o da figura 8, que representa os campos de energia detectados experimentalmente.

Enfatizo que esse é um diagrama altamente esquemático, simplesmente para mostrar o que está envolvido. Ele inclui um "campo-P," ou quaisquer energias físicas densas associadas a esse corpo; como também um "campo-L" (ou "campo vital") e um "campo-T" (ou "campo de pensamento"). Notem a característica holônica. Claro, nenhum desses campos de energia é meramente local, ou limitado a um espaço físico localizado. Os aspectos locais desses campos de energia – representados pelos invólucros no diagrama – são simplesmente as áreas de maior densidade dos campos (ou, alternativamente, as áreas com maior probabilidade de se encontrar a energia característica). Mas muitos desses aspectos locais podem ser fisicamente detectados, de fato, com vários instrumentos (por exemplo, Burr, Motoyama, Tiller). Paranormais altamente conhecidos e respeitados (por exemplo, Michal Levin) frequentemente percebem esses envoltórios de energia essencialmente do mesmo modo como Burr os descreveu – campos dentro de campos, dentro de campos. Isso não significa que eles não apareçam de outras maneiras, somente que o diagrama de Burr capta alguns aspectos típicos e importantes dessas energias.

O ponto é que, tanto no interior quanto no exterior, a evolução realmente é, de muitos modos significativos, holárquica: ela transcende e inclui. E portanto os marcos holônicos da evolução e desenvolvimento contínuos – em consciência, em complexificação da forma e em campos de energia emergentes – demonstram um padrão hierárquico nidiforme: a totalidade de uma onda se torna uma parte da totalidade da próxima. A esse respeito, Plotino pôs o dedo na ferida: desenvolvimento é envolvimento.

Uma vez que cada hólón ou indivíduo composto contém ou inclui a matéria e energia de seus subhólons, podemos usar mais alguns diagramas para, esquematicamente, indicar o que isso pode significar. Com referência ao diagrama de campos holônicos de Burr, cada hólón individual, quando emerge, tem sua própria forma densa material mais seus campos de energia associados: quanto maior o grau de complexidade da forma material, maior o número de campos de energia que a cerca (hipótese nº 3). Isso pode ser indicado como na figura 9.

Nessa figura, que representa situações reais quando observadas de modo objetivo, de terceira pessoa (isto é, hólons no quadrante superior direito), podemos ver que cada nível de complexidade crescente da forma material densa transcende-e-inclui (ou congrega) seus níveis juniores da forma material – mas todos esse níveis são indivíduos compostos por si

mesmos, e desse modo retêm suas próprias assinaturas de energia, de forma que são formados por seus componentes materiais juniores (representados pelas esferas sólidas) e seus campos associados de energia (representados pelos envoltórios pontilhados).

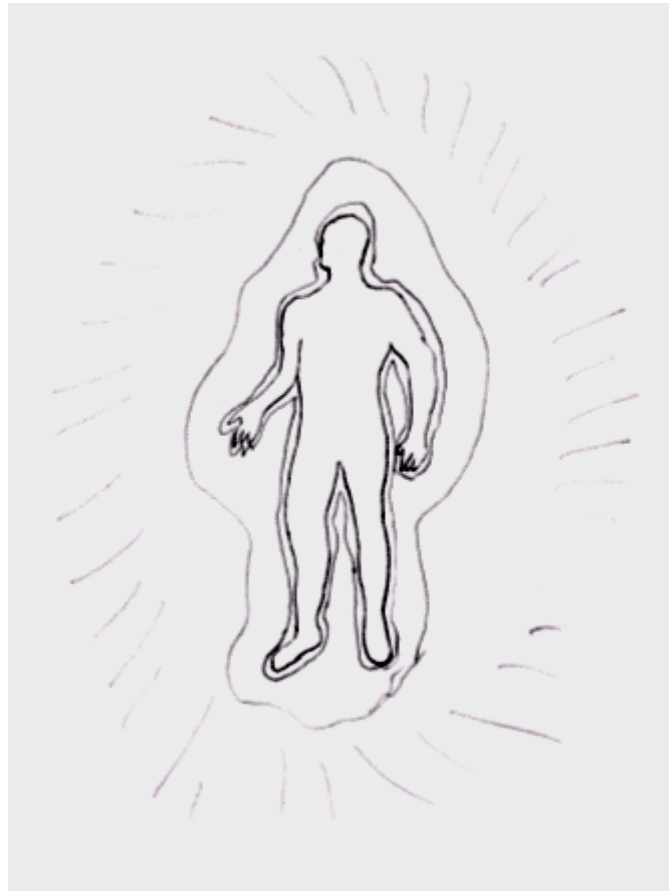


Figura 8. Diagrama de campos de energia de Burr

Embora estejamos focalizando hólons individuais e seus campos de energia no QSD, a natureza AQAL de todos os hólons sugere claramente que devam existir, no QID, sistemas coletivos de campos de energia associados aos hólons sociais, e acredito que existam (retornaremos a esse ponto em seções posteriores).

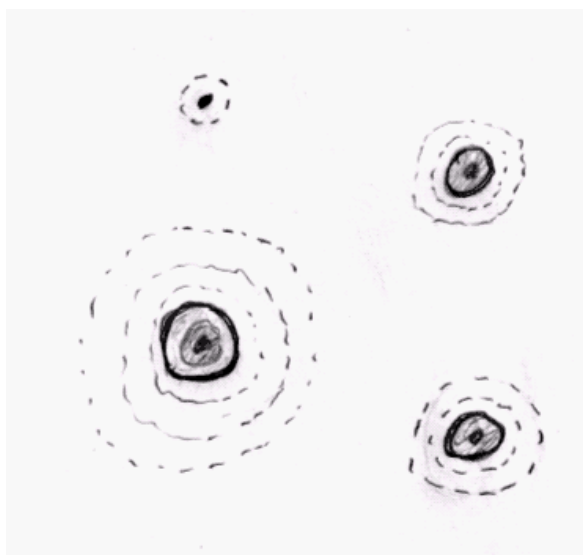


Figura 9. Matéria e energia holônica

A propósito, não existem campos de energia nos quadrantes do lado esquerdo, obviamente porque são aspectos de primeira pessoa dos hólons: sensações, conscientização, consciência, e assim por diante, cujas correlações exteriores (ou do lado direito) são massa e energia. Todos os hólons possuem os quatro quadrantes, o que significa que todos os hólons apresentam interiores de consciência e exteriores de forma e energia (por exemplo, até mesmo a consciência sutil tem um corpo sutil e a consciência causal tem um corpo causal, etc.), mas a consciência em si não é energia, nem energia é consciência.

Terminologia

Sem dúvida, quando nos referimos a energias sutis, a terminologia rapidamente passa a ser um problema importante. Primeiro, existe uma impressionante variedade de termos usados atualmente para esses fenômenos; segundo, há um grande número de fenômenos sendo proposto; e terceiro, existe uma proliferação de teorias tentando explicar os fenômenos.

Temos que começar de algum modo; assim, vou fazer algumas sugestões semânticas. Essas são apenas sugestões.

Nível de Massa-Energia	Nível Correspondente de Consciência
1. Físico Denso (gravitacional, eletromagnética, nuclear forte e nuclear fraca)	1. Sensorio-motor
2. Etérico, Campo-L 1 (L-1) ou Biocampo 1	2. Vital
3. Astral, Campo-L 2 (L-2) ou Biocampo 2	3. Emocional-sexual
4. Psíquico-1 ou Campo-T 1 (T-1)	4. Mental
5. Psíquico-2 ou Campo-T 2 (T-2)	5. Mental Superior
6. Causal ou Campo-C	6. Sobremental
7. Não-dual	7. Supermental

Tabela 1. Níveis de energia e consciência

Um dos primeiros pontos que precisamos considerar é o simples fato que, em qualquer esquema de classificação, o número de "níveis" é arbitrário. Ao medir temperatura, por exemplo, podemos usar a escala Fahrenheit (em que existem 180 "graus" ou "níveis" de calor entre o gelo e o vapor d'água) ou podemos usar a escala Celsius (em que existem 100

níveis). Qual é a correta? Ambas são adequadas, desde que saibamos qual estamos usando.

O mesmo vale para níveis de consciência, níveis de complexidade material e níveis de energia sutil. Isso não quer dizer que eles não sejam reais, mas simplesmente que a maneira como os dividimos é arbitrária. A única coisa que não é arbitrária, de acordo com as hipóteses nº 2 e nº 3, é que qualquer que seja o número de níveis de consciência, sempre existirá o mesmo número de níveis de matéria-energia: eles são o interior e o exterior do mesmo evento.

Apresentarei algumas sugestões de terminologia em duas partes: primeiro, uma lista do número mínimo de níveis de energia que precisaremos a fim de cobrir a maior parte dos pontos relevantes; e, mais tarde, uma taxonomia mais refinada envolvendo famílias, gêneros e espécies.

No estágio presente de nosso conhecimento, parecem existir pelo menos sete principais níveis diferentes de energia. Eles se correlacionam aproximadamente com os setes chacras e são indicados na Tabela 1, junto com a terminologia sugerida. Retornaremos a uma taxonomia refinada mais tarde.

Involução e evolução

Antes de nos voltarmos para alguns refinamentos desse esquema, existe um último item importante que precisa ser tratado, um item que provavelmente causou mais dificuldade teórica do que qualquer outro, não só na área de energias sutis, mas também na área global da espiritualidade e misticismo e sua relação com a ciência moderna.

Isto é, onde se localiza o vácuo quântico nesse esquema?

De acordo com a física moderna quântica e relativística, a quantidade da densidade de energia de vácuo contida num único átomo de hidrogênio é maior que a quantidade de energia armazenada em todas as estrelas conhecidas. Em outras palavras, uma imensidão de energia. Vários fatos intrigantes sobre a realidade quântica como esse levaram uma longa lista de cientistas – de LeShan a Capra, a Zukav, a Wolf (e dezenas que não serão nomeados) – a comparar o vácuo quântico com algo parecido com espírito, supermente, o Tao, Brahman, o Vazio do Budismo, e assim por diante. O resultado, em minha opinião pessoal, foi calamitoso.

Para começar, vamos nos ater às tradições e verificar onde elas poderiam situar realidades quânticas. Na teoria da Mecânica Quântica (MQ), o potencial de onda é uma vasta fonte de energia criativa que dá origem a partículas materiais cada vez mais densas, incluindo, finalmente, partículas como quarks, elétrons e prótons. E essa natureza "criadora" do potencial quântico leva muitos cientistas a igualá-la com uma potencialidade espiritual, um tipo de imenso campo de potenciais infinitos que é o espírito infinito ou consciência ilimitada.

Se fosse dessa maneira, então a sequência da evolução seria algo assim: as partículas subatômicas se originariam do potencial espiritual/quântico, que, finalmente, se reuniriam em átomos, em seguida em moléculas, que depois formariam células, que gerariam organismos.... Em suma, nesse esquema, quanto mais elevado o nível de evolução, mais distante de Deus ele estaria.

Obviamente, há algo errado com esse esquema. Mas uma vez que você identifica erroneamente espírito com potencial quântico, não existe nenhum outro caminho a ser seguido. Justamente porque o potencial quântico não é, de fato, um domínio radicalmente informe ou não-dual, não pode assemelhar-se a uma realidade espiritual genuína; pelo

contrário, é simplesmente um aspecto de um reino manifesto que tem qualidades e quantidades, e, portanto, não é o radicalmente Inqualificável.

As tradições de sabedoria estão fortemente de acordo e são virtualmente unânimes nesse ponto. Nós já nos referimos à visão geral das tradições com respeito à emanação (ou involução). Ainda que usemos a versão mais simples de 5 níveis, torna-se muito óbvio o que realmente é o potencial quântico.

Na involução ou criação, o Espírito, radicalmente inqualificável, decide brincar de esconder e, conseqüentemente, "esquece" de si mesmo e derrama-se para fora a fim de criar um mundo manifesto de diversidade e alteridade. Como vimos, a primeira coisa criada pelo Espírito puro é a alma, que então derrama-se para criar a mente, que derrama-se para criar a vida (ou prana), que, em seguida, derrama-se para criar a matéria insensível (quarks, átomos). Ao final dessa sequência ontológica, a matéria passa a existir como uma cristalização e condensação de prana.

Em outras palavras, o potencial quântico não é espírito e sim prana. Mais tecnicamente, o potencial quântico não é Espírito-como-espírito, não é Espírito-como-alma, não é Espírito-como-mente; o potencial quântico é Espírito-como-prana, que dá origem a Espírito-como-matéria.

O que os formalismos da MQ estão captando como um breve vislumbre – meramente numa forma de terceira pessoa, abstrata, matemática – é a surpreendente potência da energia etérico-astral, da qual surge o mundo material denso inteiro, como uma sedimentação e cristalização. Uma versão disso é: quando a função de onda de Schroedinger colapsa, prana dá origem à matéria. Mas independentemente de como a concebamos, essa é a interface particular ativada.

A doutrina das duas verdades

O problema

Desse modo, tal parece ser o caminho mais simples e mais fácil para unir o melhor das tradições de sabedoria e ciência moderna nessa área específica. Por outro lado, a noção simplista e dualista de que existe, por exemplo, uma ordem implicada (que é espiritual e quântica) e um ordem explicada (que é material e newtoniana) causou enorme confusão, e ainda está causando. Até David Bohm, que introduziu essa noção, acabou finalmente dando tantas voltas, que a tornou irreconhecível.

Acabamos de ver que, para as tradições, o lado da energia da Grande Cadeia do Ser significa que prana é implicado para a matéria-energia densa (que é explicada para prana). Por sua vez, a energia psíquica é implicada para prana (que é explicado para a energia psíquica). E, claro, a energia causal é implicada para a dimensão psíquica (e para todas as inferiores) – a "causal" é chamada assim porque é a causa, o começo, a geratriz criadora da sequência manifesta completa. Portanto, cada dimensão na Grande Cadeia é implicada para sua júnior e explicada para sua sênior – uma noção claramente apresentada por teorizadores desde Fa-Tsang a Plotino, a Schelling.

Mas se você considerar a física como sendo absoluta (isto é, se confundir as duas verdades [vide abaixo]), então colapsará a Grande Cadeia simplesmente numa ordem implicada e noutra explicada. E um dos muitos problemas com esse esquema grosseiro, como vimos, é que se você igualar realidades quânticas a um tipo de Força Criadora espiritual suprema, então como esse "espírito" origina átomos, que originam moléculas, que originam células, que originam organismos, e assim por diante, quanto mais alta a evolução, mais distante de Deus você está.

Bohm percebeu isso vagamente – e percebeu que sua "ordem implicada," justamente por estar dissociada da ordem explicada, realmente não poderia representar nenhum tipo de genuína realidade espiritual não-dual. Ele então inventou um terceiro domínio, a "ordem superimplicada", que seria o domínio espiritual não-dual. Portanto, passou a ter três níveis de realidade: explicado, implicado e superimplicado. Mas porque estava pouco familiarizado com as sutilezas de *Shunyata* (vide abaixo), ele ainda ficou refém de noções dualísticas (porque ainda tentava qualificar o inqualificável). Então, adicionou mais um epiciclo: "além do superimplicado," dando-lhe quatro níveis de realidade.

Lentamente, Bohm retornou a uma versão grosseira da tradicional Grande Cadeia, que mantém que cada dimensão sênior é implicada para suas juniores. Mas tudo isso deveria estar baseado na física, o que significa que Bohm realmente envolveu-se num colossal jogo reducionista que devastou os níveis intermediários reais da Grande Cadeia (por exemplo, o nível 2, que é tratado pela biologia e o nível 3, tratado pela psicologia, são todos reduzidos a variáveis ocultas em formalismos de massa-energia densa da MQ). Isso não é a união de ciência e espiritualidade, mas a união de física ruim com misticismo ruim.

Solução sugerida

Como sugerido, essa equiparação de realidades quânticas (ou subquântas, ou cordas, ou simetria) com algum tipo de Espírito não-dual talvez seja a maior confusão teórica de todo o campo. Primeiro, porque confunde a natureza da involução e evolução e, conseqüentemente, confunde o início da sequência involucionária – isto é, espírito causal – com o início da sequência evolucionária – isto é, o vácuo potencial (ou algo assim), que realmente representa Espírito-como-prana, não Espírito-como-espírito. Na terminologia dos chacras, essa visão confunde a imensa potencialidade criativa da *Kundalini* aninhada na base da coluna vertebral (*muladhara*) com a *Kundalini* no topo da cabeça (*sahasrara*). Já sabemos que ambas são *Kundalini*; mas *muladhara* simplesmente não é o mesmo que *sahasrara*.

Mas em segundo lugar, e mais importante, viola a doutrina das duas verdades.

Em última análise, as tradições são muito claras ao afirmar que o "primeiro passo" na manifestação involucionária é realmente um Mistério não-dual que não pode de maneira alguma ser adequadamente captado (ou mesmo insinuado) pela verdade convencional, incluindo qualquer tipo de ciência, pensamento de vanguarda, etc. A razão é que as grandes tradições, desde Parmênides a Padmasambhava, são unânimes naquilo que o Vedanta chama a doutrina das "duas verdades": isto é, existe uma verdade absoluta ou não-dual e uma verdade relativa ou convencional, e elas são de ordens radicalmente diferentes. A verdade relativa está preocupada com situações no domínio finito, tais como "moléculas da água contêm um átomo de oxigênio e dois de hidrogênio," ou "a Terra está a 93 milhões de milhas do Sol," ou "o potencial do vácuo quântico no raio de um angstrom é igual a $10^{2300000}$ ergs," e assim por diante. De acordo com Nagarjuna, Shankara e Plotino, você pode fazer afirmações verdadeiras ou falsas sobre tais eventos finitos, e a verdade no reino relativo é realmente uma procura das condições sob as quais afirmações relativas são verdadeiras. Isso é verdade relativa, finita ou assertiva.

O que não acontece com a verdade absoluta, sobre a qual, literal e radicalmente, NADA pode ser dito com precisão de modo não-contraditório (inclusive esta afirmação: se ela for verdadeira, é falsa). Os grandes dialetas transcendentais – de Nagarjuna a Kant – demoliram completamente quaisquer tentativas, mostrando que qualquer uma delas que tente categorizar a realidade suprema (como, por exemplo, afirmando que ela é um potencial de energia quântica) volta-se contra si mesma e dissolve-se numa regressão *ad absurdum* ou *ad infinitum*. Eles não afirmaram que o Espírito não existe, mas simplesmente que qualquer declaração finita sobre o infinito definitivamente não funcionará – não da mesma forma que declarações sobre verdades relativas ou convencionais funcionarão. O

Espírito pode ser conhecido, mas não falado; visto, mas não explicado; assinalado, mas não descrito; percebido, mas não reiterado. Verdades convencionais são conhecidas pela ciência; a verdade absoluta é conhecida pelo *satori*. Elas simplesmente não são a mesma coisa.

Para Nagarjuna, o Real é *shunya* (vazio) de tais categorizações. Para Shankara, uma vez criado o mundo de maia, você não pode fazer nenhuma afirmação sobre maia: quando você está em maia, tudo que diz é falso; quando acorda, não existe maia – em ambos os casos, você não pode fazer uma declaração sobre maia (nem, portanto, sobre o "criador" de maia). Para Plotino, o "Um" não é "um um numérico" – em outras palavras, o "Um" é apenas uma metáfora poética para Quididade, não um modelo real de Quididade. (O potencial do vácuo, por outro lado, é um modelo, não uma metáfora.)

Em resumo, existe a verdade absoluta ou não-dual e existe a verdade relativa ou convencional; não se pode simplesmente considerar uma afirmação da última e aplicá-la à primeira. Quando usamos palavras finitas para tentar representar a Quididade suprema, o máximo que conseguimos é uma metáfora poética (ou afirmações metafóricas), mas o absoluto só é conhecido por experiência direta que envolve uma transformação da consciência (*satori*, *sahaj*, metanoia); e "o que" é visto em *satori* não pode ser declarado em palavras dualistas ordinárias a não ser por metáforas, poesia e sugestões (se quiser conhecer Deus, você deve despertar, não meramente teorizar). Verdades convencionais e científicas, por outro lado, são assertivas, não metafóricas; elas trabalham com modelos, não poemas; elas são finitas, dualísticas, e convencionais – tudo isso é bom quando direcionado ao domínio finito, dualístico, convencional.

O Upanishads concorda: *nirguna Brahman* é "um sem um segundo," não "um entre muitos." O potencial do vácuo tem um segundo (ou um "outro," isto é, a matéria densa); mas *Brahman* não tem tal segundo, e portanto *Brahman* decididamente não pode ser identificado com alguma coisa quântica. Não pode ser conhecido por conhecimento assertivo ou metafórico, só pelo despertar. Até mesmo chamar *Brahman* de "infinito" não está correto, pois a palavra "infinito" só tem significado em função de sua oposta ("finito"); assim, definições como "informe, vazio, infinito, inqualificável, não-dual" são, de fato, essencialmente dualistas. O Zen tenta sugerir isso dizendo que o absoluto é "não dois, não um."

Infelizmente, os físicos que começaram a comparar realidades quânticas com o Tao estavam simplesmente despreparados para as sutilezas filosóficas das grandes tradições. Curiosamente, os físicos originais e pioneiros – de Schroedinger a Planck até Einstein – recusaram-se a fazer tal confusão – isto é, recusaram-se a identificar as descobertas da física quântica ou relativística com qualquer tipo de realidade espiritual (como descobri quando editei seus escritos sobre espiritualidade: vide *Quantum Questions: The Mystical Writings of the World's Great Physicists*). Novamente, eles não negaram o Espírito – exatamente o contrário – mas reconheceram que afirmações sobre o domínio relativo não são da mesma ordem que as do domínio absoluto, e conseqüentemente, confundi-los é prejudicial a ambos.

Assim, o potencial do vácuo é parte do domínio manifesto, finito, relativo. Exatamente por essa razão pode ser estudado pela ciência. É uma realidade que, pelo menos de algumas maneiras, é diferente de outras realidades; possui qualidades; quantidades; dimensões. Nenhuma dessas características pode ser atribuída à Quididade, a não ser por metáforas poéticas. Entretanto, os campos etérico, astral e psíquico, justamente por serem partes reais do mundo manifesto, são objetos adequados de estudo da ciência. Não há nenhuma contradição em afirmar-se que o vácuo quântico é a protuberância no domínio denso de sua ordem implicada sênior: ou seja, prana.

Isto posto, creio que podemos continuar em direção a uma teoria verdadeiramente integral de energias sutis.

Resumo da realidade quântica

Seguindo os grandes sábios-filósofos (como Nagarjuna, Plotino e Shankara), podemos resumir as razões por que quaisquer tipos de eventos quânticos ou subquânticos não são o Espírito:

A realidade quântica apresenta características, qualidades ou dimensões que a diferenciam da matéria manifesta; mas o Espírito é radicalmente *shunya* de *drsti* (vazio de quaisquer qualidades, inclusive dessa caracterização) – por exemplo, o vácuo quântico possui imensa energia, o Espírito é inqualificável.

A realidade quântica difere, em importantes pontos, da matéria densa; mas o Espírito não é diferente de nenhuma manifestação; ao contrário, é a Quididade ou Essência de tudo que surge.

A realidade quântica possui um oposto (a realidade não-quântica), mas o Espírito é radicalmente não-dual.

O Espírito é adimensional; a realidade quântica encontra-se simplesmente numa dimensão diferente.

E, o mais importante, a energia material quântica provém diretamente de prana, não do Espírito (isto é, a matéria cristaliza-se a partir do Espírito-como-prana, não do Espírito-como-espírito).

Por outro lado, perceber que eventos denso-relativístico-quânticos são eventos de superfície, ou manifestações de um campo de energia etérica, permite-nos considerar adequadamente esses eventos, de modo consoante com: as grandes tradições de sabedoria, a vanguarda da ciência, o corpo de conhecimento das energias sutis e sua reinterpretação AQAL. A massa-energia densa é uma manifestação superficial de campos etéricos, que são superficiais em relação a campos astral-psíquicos, que são superficiais ao causal, que é o misterioso véu inicial sobre a Face Original do Espírito, à medida que se manifesta como mundo, a cada momento....

III. Algumas particularidades de uma teoria integral de energias sutis

Refinamentos

Mencionei que discutiríamos as correlações entre energias e consciência de acordo com tradições como o Vedanta e o Vajrayana; também o complicado tópico da reencarnação ou transmigração; e uma taxonomia mais detalhada de energias sutis (envolvendo família, gênero, espécie).

Começemos pelas correlações. Tanto o Vedanta quanto o Vajrayana apresentam um mapa muito simples mas muito poderoso, da relação de estados de consciência, níveis de consciência e domínios de corpos/energias. Acredito que esse esquema seja essencialmente correto, até mesmo quando ajustado aos termos AQAL. Resumidamente:

Conforme o Vedanta/Vajrayana, existem três principais estados de consciência, correlacionados a três principais corpos (ou domínios de massa-energia), e cinco principais níveis/estruturas de consciência. Os 3 estados são: vigília, sonho e sono profundo. Os 3 corpos são: denso, sutil e causal. O 5 níveis/envoltórios são os 5 *koshas* mencionados anteriormente (material denso, emocional-prânico, mental, mental superior, supermental).

Em pessoas comuns, as relações são as seguintes: o estado de vigília, que possui uma consciência material, é correlacionado a (e suportado por) um corpo/energia denso. O estado de sonho – que contém (ou pode conter) os 3 níveis, emocional, mental e mental-superior – é suportado por um corpo/energia sutil. E o estado de sono profundo, que contém uma consciência supermental, é suportado por um corpo/energia causal. Vide Tabela 2. (E observe: os estados e estágios de consciência são QSE; os corpos/energias são QSD.)

O brilhantismo desse esquema é que consegue relacionar estruturas de consciência, estados de consciência e energias de um modo simples e elegante, um modo que, em aspectos essenciais, tem ainda que ser melhorado. Escrevi extensivamente sobre essas correlações e por que são importantes para qualquer psicologia integral (vide, por exemplo, *Sidebar G, "States and Stages"* no site wilber.shambhala.com). Aqui, novamente, apresentarei um resumo muito breve.

<u>Estado de Consciência</u>	<u>Nível/Estágio/Envoltório de Consciência</u>	<u>Corpo-Energia</u>
Sono Profundo (Informe) (<i>sushupti</i>)	5. Anandamayakosha (espírito – bem-aventurança)	Corpo Causal (<i>karana-sarira</i>)
Sonho (<i>svapna-sthana</i>)	4. Vijnanamayakosha (<i>buddhi</i> ; mente superior) 3. Manomayakosha (<i>manas</i> ; mente) 2. Pranamayakosha (emocional-sexual)	Corpo Sutil (<i>sukma-sarira</i>)
Vigília (<i>jagarita-sthana</i>)	1. Annamayakosha (sensório-motor)	Corpo Denso (<i>sthula-sarira</i>)

Tabela 2. Correlações de Estados de Consciência, Estágios de Consciência e Corpos (ou Energias)

Para começar, por que o Vedanta/Vajrayana afirma que o estado de vigília contém um nível de consciência mas o estado de sonho contém 3 níveis de consciência? De acordo com o Vedanta/Vajrayana, o ponto que mais define o estado de vigília é que você está consciente

de corpos sensório-motores densos: você pode ver pedras, árvores, rios, cidades, carros, planetas, etc., todos eles objetos ou corpos sensório-motores densos (consequentemente, o domínio denso). Você pode estar ciente de outras coisas no estados de vigília, porém se você pode ver pedras, você está consciente do domínio denso.

Entretanto, quando você sonha, não está consciente de pedras, árvores, rios, cidades ou quaisquer outros objetos densos. Você pode, porém, estar ciente de emoções, imagens, ideias, visões, arquétipos e assim por diante – em outras palavras, os 3 níveis intermediários de consciência podem aparecer no estado de sonho, e isso significa que os 3 níveis intermediários de consciência podem todos ser suportados pelo mesmo corpo sutil. (Obviamente, isso não quer dizer que esse corpo-energia sutil não possa ser subdividido, o que é feito tanto pelo Vedanta quanto pelo Vajrayana; significa apenas que todas as formas de energia sutil são gêneros dessa família [vide abaixo]).

No entanto, quando você entra no estado de sono profundo, sem sonhos, até esses níveis de consciência e energia desaparecem, e passa a existir somente uma vasta, quase infinita, consciência supermental – uma consciência beatífico-radiante e quase informe (*anandamayakosha*) – que é suportada por um corpo-energia causal (que o Vedanta chama de "causal" e o Vajrayana, de "muito sutil"; isto é, no Vedanta, os corpos-energias são chamados de denso, sutil, e causal; no Vajrayana, eles são chamados de denso, sutil, e muito sutil; eu seguirei o Vedanta, embora esteja claro que ambos referem-se, essencialmente, aos mesmos fenômenos, já que identificam explicitamente esses estados/corpos com vigília, sonho e sono profundo).

Uma das muitas razões da importância desse modelo é que nos permite compreender relações complicadas, e de outro modo confusas, entre estados e estágios. É difícil demonstrar a profundidade da realização do Vedanta/Vajrayana num resumo tão curto, mas usarei um rápido exemplo que poderá ajudar. De acordo com ambos, Vedanta e Vajrayana, os estados e seu corpos/domínios são dados aos seres humanos desde o nascimento (e estão completamente presentes), mas os níveis ou estágios se desenvolvem (e não estão todos presentes no nascimento).

Começemos por alguns fatos incontestáveis: um bebê desperta, sonha e dorme profundamente – em outras palavras, o bebê tem acesso aos 3 principais estados de consciência. Mas o bebê não tem acesso a todos os principais estágios de consciência (por exemplo, o bebê não tem acesso à cognição operacional formal, que emerge ou se desenvolve durante a adolescência; nem tem acesso à moralidade pós-convencional, nem à capacidade de raciocínio hipotético, nem ao meme laranja, nem ao meme verde, e assim por diante. Os níveis mais elevados, tais como *manas* e *vijnana*, ainda não emergiram).

Assim, se olharmos para o conteúdo do estado de sonho do bebê, o que acharemos? O que quer que seja, não será conteúdo dos estágios mais elevados de desenvolvimento: como as pesquisas deixaram abundantemente claro, os sonhos de bebês e crianças pequenas não contêm pensamentos operacionais formais, nem impulsos pós-convencionais, nem visões turquesas, e assim por diante. O conteúdo dos vários estados são fornecidos pelo(s) estágio(s) de desenvolvimento em que a pessoa se encontra.

Desse modo, usando o esquema simples de 5 estágios, um bebê tem acesso aos 3 grandes estados (vigília, sonho e sono profundo) e a seus 3 corpos-energias associados (denso, sutil e causal); mas desenvolveu apenas o primeiro ou os dois primeiros dos 5 níveis de consciência: isto é, o material-alimento e o emocional-prânico. Os níveis/estágios mais elevados (mental, mental superior e supermental) ainda não emergiram. Então, o conteúdo real dos estados de vigília e sonho do bebê serão fornecidos por esses dois primeiros níveis de consciência.

À medida que a criança cresce, amadurece, se desenvolve e os níveis/estágios mais elevados começam a emergir, então o conteúdo desses níveis proverá a maior parte do conteúdo para os vários estados. Quando uma pessoa alcança a idade adulta – e desenvolveu, por exemplo, a cognição operacional formal, a moralidade pós-convencional, valores amarelos, etc. – então esses conteúdos podem ser encontrados tanto no estado de vigília quanto no de sonho, como, novamente, as pesquisas repetidamente demonstram.

Agora, para o Vedanta e o Vajrayana, o ponto fundamental desse esquema é que, quando uma pessoa é altamente evoluída – ou iluminada – então ela desenvolveu, consciente e completamente, todos os 5 níveis/estágios de consciência; e, portanto, pode permanentemente acessar ou Testemunhar os estados de vigília, sonho e sono profundo; tal testemunho é chamado de *turiya* (ou "o quarto," significando o quarto grande estado além da vigília, sonho e sono profundo); e, daí, unir a Testemunha inqualificável vazia com o mundo inteiro da Forma (uma realização não-dual chamada de *turiyatita* ou *sahaja*: "espontâneo" e "é isso").

Esse modelo nos permite ver como um bebê pode ter acesso aos 3 grandes estados e corpos de realidade densa, realidade sutil, e realidade causal – mas não de um modo desenvolvido que permita assenhorear-se permanentemente desses domínios. A realização e controle permanentes demandam desenvolvimento e evolução através dos níveis/estágios reais, um desenvolvimento que converte "estados temporários" em "características permanentes." Todavia, conforme o Vedanta/Vajrayana, todos os estágios/estruturas/níveis de consciência – independentemente se os definimos como 5, 7, 12 ou mais – são variações desses 3 grandes domínios de consciência e de seus 3 corpos ou energias de suporte.

A razão da especial importância desse modelo para energias sutis é que nos permite ver por que uma criança possui um campo de energia densa, um campo de energia sutil e um campo de energia causal (porque ela desperta, sonha, e dorme), mas NÃO possui os campos de energia de espécies e subespécies que acompanham os estágios/níveis específicos de consciência, a menos que realmente desenvolva esses estágios. Por exemplo, uma criança, como um adulto, possui os campos de energia das famílias densa, sutil e causal, mas não os subcampos de gênero como T-1, T-2, etc. – exatamente do mesmo modo que a criança possui o mesmo estado geral de sonho de um adulto, mas ainda não possui, nesse estado de sonho, quaisquer pensamentos dos estágios azul, laranja, amarelo, etc.

Perdoe-me ser repetitivo, mas o impressionante brilhantismo desse esquema me deixa simplesmente perplexo. Não existe nenhum outro modelo que, remotamente, se aproxime de suas capacidades explanatórias, e eu incorporei esses aspectos, virtualmente inalterados, em meu próprio modelo de Psicologia Integral. Desnecessário dizer, a pesquisa moderna nos permite detalhar enormemente esse esquema básico – no momento reconhecemos pelo menos 12 (ou mais) importantes níveis/estágios de consciência, que existem em pelo menos duas dezenas de linhas de desenvolvimento diferentes, nenhuma das quais é coberta pelo modelo do Vedanta/Vajrayana. Mas os extraordinários e revolucionários insights estão contidos em suas descobertas pioneiras.

Uma taxonomia refinada de energias sutis

Vamos usar o esquema comum de "família, gênero, espécie", combinado com a terminologia da Tabela 1, para resumir nossas conclusões (sugeridas).

As três grandes famílias de energia são: densa, sutil e causal. (Quando necessário, podemos adicionar a família *turiya* e a família *turiyatita*.)

1. A **família** energia-densa contém os **gêneros**: gravitacional, eletromagnético, nuclear forte e nuclear fraco.
 - A. O **gênero** eletromagnético contém: **espécie** (1) raios cósmicos, (2) raios de gama, (3) raios-x, (4) luz visível, (5) infravermelho, (6) microondas, etc.
 - B. O **gênero** nuclear forte contém: energias de **espécies** de (1) bárions, (2) hádrons, (3) mésons (etc.)
 - C. e D. (Do mesmo modo para qualquer espécie possível no **gênero** gravitacional e no **gênero** nuclear fraco).

2. A **família** energia sutil contém os **gêneros**: etérico (L-1, biocampo-1), astral (L-2, biocampo-2), psíquico-1 (T-1), e psíquico-2 (T-2)
 - A. O **gênero** etérico (L-1 ou biocampo-1) contém:
energias de **espécies**: (1) viral, (2) procariote, (3) neuronal, (4) cordão neuronal (etc.)
 - B. O **gênero** astral (L-2 ou biocampo-2) contém:
energias de **espécies**: (1) tronco cerebral reptiliano, (2) sistema límbico (etc.)
 - C. O **gênero** psíquico-1 (ou T-1) contém:
energias de **espécies**: (1) vermelha, (2) azul, (3) laranja, (4) verde (etc.)²
 - D. O **gênero** psíquico-2 (ou T-2) contém:
energias de **espécies**: (1) amarela, (2) turquesa, (3) coral (etc.)

3. A **família** energia causal: contém o **gênero** campo-C (etc.)
 - A. O **gênero** campo-C contém:
espécie *nirvikalpa, jnana* (etc.)³

Enfatizo novamente que tudo isso é uma questão de convenção e semântica (inclusive o número de níveis que podemos razoavelmente postular). Essa taxonomia é simplesmente uma série de sugestões sobre o que eu acredito ser o requisito mínimo para levar adiante uma teoria integral.

Qualquer bom modelo abre linhas adicionais de pesquisa, e o modelo integral ou AQAL não é exceção. Venho desenvolvendo muitos desses programas de trabalho de pesquisas junto com Bob Richards, co-fundador da *Clarus, Inc.* e um dos vice-presidentes do *Integral Institute*. Ficaríamos contentes em discutir esses assuntos com partes interessadas.

Reencarnação

Vamos agora para o tópico mais controverso relacionado a energias sutis, ou seja, reencarnação ou transmigração. Reluto até em comentá-lo, porque uma vez que você toma partido nesse assunto, aliena a outra metade do público.

Minha própria convicção é que existe reencarnação; porém, para o momento, estou mais preocupado em sugerir um mecanismo para tal ocorrência, em lugar de discutir se ela acontece ou não. Vamos simplesmente assumir que aconteça e, então, perguntar como essa ocorrência pode ser enquadrada na hipótese nº 3, isto é, que energias sutis estão associadas a complexificações da forma densa. Com a morte, claramente a forma densa se dissolve; o que acontece com as energias sutis se estiverem ligadas a essa formas densa?

Nesse ponto, simplesmente decidimos se a reencarnação existe ou não. Se você acreditar que a reencarnação não existe, então a teoria integral de energias sutis que eu apresentei até agora não necessita de nenhum ajuste adicional (isto é, não em relação à reencarnação). Se, por outro lado, você crê na reencarnação, então uma teoria integral precisa estar apta a incorporar essa ocorrência. Podemos fazê-lo se adicionarmos a seguinte hipótese:

Nº 4. A complexidade da forma densa é necessária para a expressão ou manifestação tanto da consciência mais elevada quanto da energia mais sutil.

A hipótese nº 4 introduz a possibilidade de que as formas mais elevadas de consciência e energia (isto é, mais elevadas que o domínio da família-densa) não sejam vinculadas ontologicamente a complexificações da forma densa, mas sim que sejam veículos da expressão das formas e energias mais sutis no próprio domínio denso. Em outras palavras, não é que a consciência e as energias mais elevadas estejam ligadas às complexidades da forma densa por necessidade ontológica, mas sim que elas precisam de uma forma correspondentemente complexa da matéria densa a fim de expressar-se ou manifestar-se no reino material.

Se isso é verdade ou não é uma coisa; mas se for verdade, algo como a hipótese nº 4 deve ser aventado. Evitar essa hipótese é evitar o assunto todo. Por exemplo, Francisco Varela et al., em *The Embodied Mind (A Mente Encarnada)*, tenta derivar uma teoria espiritualmente afinada da consciência ancorando-a firmemente no corpo sensório-motor – por essa teoria a reencarnação é impossível. Eles apresentam sua teoria como estando em consonância com um Budismo atualizado, mas evitam claramente tratar desse difícil assunto. Para se aventar a transmigração, não existe outra maneira a não ser com algo como a hipótese nº 4.

Com a hipótese nº 4, a teoria integral, pelo menos nesse ponto particular, reverteria para algo mais próximo da concepção do Vedanta/Vajrayana tradicional, mas com algumas exceções importantes (que eliminam a maior parte dos postulados metafísicos necessários para sustentar o esquema, ao mesmo tempo em que aceitam os dados relevantes a serem explicados).⁴ Tudo que precisamos observar são exatamente os pontos essenciais do modelo do Vedanta/Vajrayana, já incorporados na Psicologia Integral, que podem ser ajustados à hipótese nº 4 para criar uma explicação possível da reencarnação. Não existe nenhuma dúvida que isso aumenta a bagagem metafísica de qualquer abordagem, mas pode ser feito de modo relativamente modesto que, além de tudo, está aberto a um razoável número de testes empíricos e fenomenológicos (que são o antídoto para a metafísica).

Os pontos essenciais do modelo do Vedanta/Vajrayana, no que diz respeito à reencarnação, são os seguintes. É verdade que não existe mente sem seu corpo de suporte, e nem corpo sem sua mente diretora (onde "mente" significa "consciência" e "corpo" significa "massa-energia"; em termos AQAL, todo estado/estágio de consciência no QSE tem um corpo-massa-energia correspondente no QSD). Em termos simples, para o Vedanta e o Vajrayana, a mente densa tem um corpo denso; a mente sutil tem um corpo sutil; e a mente causal tem um corpo causal. Na verdade, podemos simplesmente referir-nos a eles como o corpo-mente denso, o corpo-mente sutil e o corpo-mente causal.

De acordo com a Vedanta/Vajrayana, embora nunca exista uma mente sem um corpo, o corpo-mente sutil pode existir sem o corpo-mente denso, e o corpo-mente causal pode existir sem qualquer um dos outros. Consequentemente, embora nunca exista uma mente sem um corpo, a transmigração pode acontecer.

De acordo com as tradições, há várias maneiras para essa afirmação ser verdadeira. Primeira, ontologicamente, durante a involução – que também é, essencialmente, o caminho que parece acontecer no domínio do bardo da entidade reencarnante ou transmigrante (vide abaixo) – quando o Espírito se manifesta, inicialmente, criando um corpo-mente causal. Obviamente, um corpo-mente causal sem um corpo-mente sutil e um corpo-mente denso, já que nenhum deles ainda foi criado.

Segunda, fenomenologicamente, quando você vai dormir toda noite e começa a sonhar, o corpo-mente denso não existe e você reside basicamente num corpo-mente sutil; igualmente, quando você passa para o sono informe-sem sonhos, não existem corpos-mentes denso ou sutil, só um corpo-mente causal; portanto, fenomenologicamente, os corpos-mentes seniores podem existir independentemente dos corpos-mentes juniores.

Terceira, em certos estados incomuns de vigília – tais como experiências fora do corpo (ou "viagens astrais") – existimos num corpo-mente sutil, não meramente num corpo-mente denso. E em estados meditativos informes, existimos num corpo-mente causal, não em corpos-mentes sutil ou denso.

Assim, as tradições afirmam que, após a morte física, quando o corpo-mente denso se dissolve, a alma, existindo agora em seu estado sutil e verdadeiramente suportada ou transportada por uma energia sutil muito real (ou corpo sutil), transmigra por uma série de reinos ou estações do bardo, até que vários fatores cármicos a induzam a assumir um novo corpo-mente denso, quando, então, acontece o renascimento num corpo físico.

Desse modo, o corpo/energia global sutil (isto é, a família energia-sutil) parece suportar várias mentes ou estados e estágios de consciência, incluindo: (1) o estado de sonho em todos os seres humanos; (2) estados meditativos com forma (por exemplo, *savikalpa samadhi*); (3) vários estados incomuns (por exemplo, experiências fora do corpo, experiências de quase-morte); (4) e os reinos de transmigração do bardo.

Daí por que, por exemplo, se, durante a vida, pratica-se meditação e aprende-se a entrar no estado de sonho com consciência (sonho lúcido), diz-se que se pode então controlar até certo ponto o rumo real do renascimento durante o bardo, porque ao dominar-se um, domina-se o outro: eles são essencialmente os mesmos reinos.

Assim, a hipótese nº 4 sugere que uma consciência sutil, suportada por uma muito real mas sutil massa-energia, não depende para sua existência essencial do domínio denso, embora necessite de um grau específico de complexificação de massa-energia densa para manifestar-se no reino denso. Se a hipótese nº 4 for verdadeira, então nos permite afirmar que essas dimensões mais sutis, embora criadas e existindo em potencial durante a involução, não podem manifestar-se de fato até que a evolução no reino denso alcance um grau necessário de complexificação. Veículos crescentemente complexos são necessários para domínios crescentemente mais elevados; quando esses reinos mais altos se manifestam, não estão desvinculados da complexificação da forma, mas brilham através delas e em virtude delas: novamente, mesmo com a hipótese nº 4, diríamos que os domínios mais elevados não estão realmente acima da matéria, mas no interior da matéria. A diferença com a hipótese nº 4 é que ela adiciona: os domínios mais elevados, quando se manifestam, o fazem através da matéria, mas podem existir essencialmente sem a matéria da família-densa.

Desse modo, energias etéricas não podem manifestar-se até que a matéria densa assuma a forma complexa de uma célula viva (um quark não é suficientemente complexo para "conter" ou canalizar energias etéricas, psíquicas ou causais). À medida que a forma densa continua a complexificar-se – impulsionadas pelo fato de que até as pedras clamam para chegar a Deus – então dimensões crescentemente mais sutis, tanto de energia quanto de consciência, podem brilhar através delas, até que o Kosmos inteiro brilhe com o esplendor do Espírito que é sua Origem e Quididade.

Conseqüentemente, um corpo-mente sutil pode migrar de uma manifestação corpo-mente densa para outra manifestação corpo-mente densa, da mesma maneira que o calor pode passar de um objeto material para outro; mas é necessária a manifestação de um corpo-mente denso complexo; adicionalmente, qualquer realização espiritual verdadeiramente integral exigiria a iluminação do corpo-mente denso, do corpo-mente sutil e do corpo-mente causal – daí, certamente, por que as tradições afirmam que somente seres humanos (e não anjos, nem deuses, nem semideuses) podem realizar a iluminação. Só os seres humanos possuem todos os três corpos.

O fato que o corpo-mente sutil (e o causal) pode transmigrar para um corpo-mente denso é realmente metafísico; mas o fato de que essas energias sutis são postuladas como reais,

concretas, detectáveis, frequentemente mensuráveis – embora energias mais sutis – evita que a concepção inteira fique girando em torno de vapores de metafísica pura. Se você ler a hipótese nº 4 junto com as primeiras três hipóteses, penso que verá que elas são, pelo menos, consistentes umas com as outras; desse modo, creio que uma teoria integral de energias sutis possa acomodar a existência da transmigração, se decidirmos, por outras evidências, que existem provas suficientes para concluir que a transmigração acontece.

Os chacras

Na minha opinião, o teste fundamental de qualquer teoria de energias sutis é se ela consegue explicar adequadamente os chacras. O sistema de chacras é, simultaneamente, graciosamente simples e impressionantemente complexo, mas seus fundamentos precisam ser completamente considerados por qualquer teoria de energias sutis.

Permita-me começar sugerindo uma elucidação usando a figura 10. Nela podemos observar a relação das três grandes famílias de energias que compõem o ser humano. Como vimos, mesmo na infância, um ser humano desperta, sonha e dorme; portanto até uma criança tem acesso aos domínios denso, sutil e causal (embora os conteúdos específicos desses domínios sejam fornecidos pelos estágios de desenvolvimento).

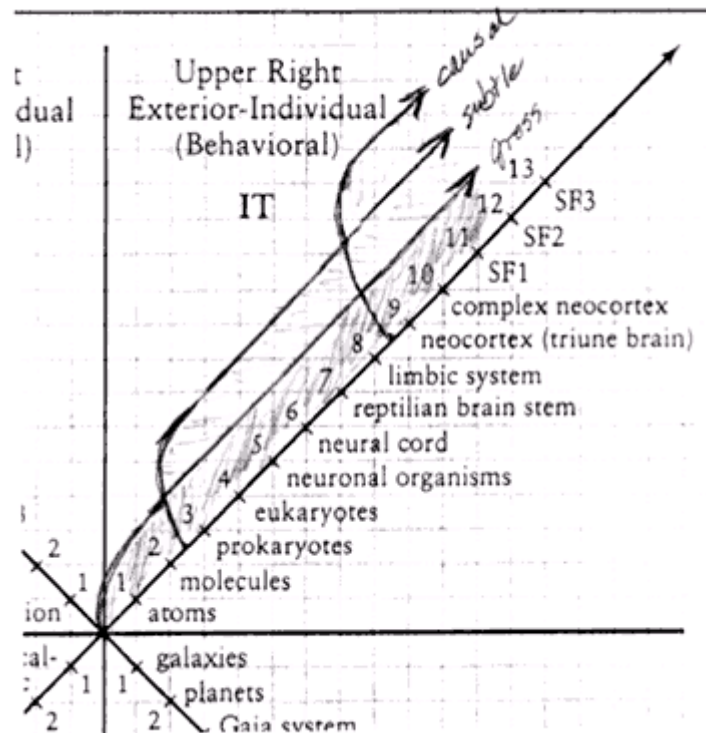


Figura 10. As três grandes famílias de energias que se apresentam no ser humano desde o começo

Isso é indicado na figura 10. Como essas três famílias de energias somente emergiram, ou manifestaram-se juntas durante o curso da evolução, quando do surgimento do ser humano, então elas são intrínsecas ao hólion humano. Isto é, a família de energias densas surgiu com o *Big Bang*; a família de energias sutis, com as células vivas; e a família de energias causais, com os cérebros trinos. Já que cada estágio transcende-e-inclui seus predecessores, todas as três famílias de energias acompanham um corpo humano (que é, de fato, uma conjunção de três corpos).

Assim, até um bebê apresenta os estados de vigília, sonho e sono profundo, bem como suas correspondentes famílias de energias densas, sutis, e causais – embora, novamente, o conteúdo desses estados de consciência sejam fornecidos por estágios de desenvolvimento, e o gênero e espécie de energias sutis e causais sejam igualmente fornecidos pelos estágios específicos de desenvolvimento (por exemplo, somente quando o ser humano desenvolve pensamentos operacional-concretos e operacional-formais os campos T-1 começam surgir, etc.).

Isso significa que, se as grandes tradições estivessem realmente ligadas a essas realidades, elas manteriam que os chacras representam ou contêm os três grandes corpos-mentes (porque todos os três estados/corpos estão presentes desde a infância) E os vários estágios de desenvolvimento da consciência. Em outras palavras, cada chacra contém energias densas/sutis/causais E cada chacra é um estágio de desenvolvimento ou evolução da consciência.

Desnecessário dizer que isso é exatamente o que encontramos. Há dezenas, talvez centenas, de variações no sistema de chacras encontrado nas diferentes tradições. Novamente darei um tratamento extremamente abreviado e simplesmente apresentarei um exemplo: o resumo global de chacras elaborado por Hiroshi Motoyama. (Nas citações seguintes, substituí "astral" por "sutil," um mero detalhe semântico para ser consistente com os termos que temos usado; o significado não se altera.)

Por um lado, os chacras são realmente estágios de desdobramento evolucionário: "Durante o crescimento espiritual, uma pessoa deve ascender a escada evolucionária por essas dimensões, passo a passo, gradualmente aumentando sua consciência dos domínios mais elevados." ⁵

Agora a parte mais difícil. Cada chacra também deve conter energias densas, sutis e causais, e seus estados de consciência correspondentes (porque mesmo no estágio mais baixo de desenvolvimento – o primeiro chacra – um bebê desperta, sonha e dorme, e possui um corpo denso, sutil, e causal). Em outras palavras, além de ser um estágio específico de desenvolvimento, cada um do 7 chacras deve conter três corpos/energias e três mentes/estados. Motoyama: "Os chacras são os centros dos sistemas de energia do corpo, que existem em cada uma das três diferentes dimensões: densa, sutil e causal." Isto é, cada chacra possui essas três dimensões, daí por que cada chacra atua como um intermediário entre as energias densas, sutis, e causais que circulam no chacra: "Os chacras atuam como intermediários entre as três dimensões [densa, sutil, causal] e podem converter a energia de uma dimensão na de outra."

Cada uma dessas 3 dimensões de energia/corpo, em cada chacra, também tem sua mente correspondente (isto é, uma versão dos estados de vigília, sonho e sono profundo, correlacionados com energias densas, sutis e causais, de forma que cada um dos 7 chacras contém corpo-mente denso, corpo-mente sutil e corpo-mente causal). Assim, cada chacra atua como o intermediário não só entre os 3 diferentes tipos (ou famílias) de corpos/energias presentes em cada chacra, como também entre as 3 mentes (ou 3 grandes estados de consciência) e seu 3 correspondentes corpos/energias em cada chacra. Desse modo, os "chacras também são intermediários entre o corpo físico [denso] e a consciência [densa], entre o corpo sutil e os *manas* [sutis], e entre o corpo causal e *karana* [causal], isto é, entre o corpo e a mente de cada dimensão" (isto é, entre a consciência/estado e o corpo/energia dos 3 grandes domínios presentes em cada chacra).

Ao mesmo tempo, à medida que ocorre o desenvolvimento ou evolução, os 7 chacras podem ser despertados e conscientizados, quando então funcionam como estágios reais (ou "passos", como Motoyama os chama) da evolução. A visão global dos chacras é bastante sofisticada, e exatamente como nos "pontos essenciais" do modelo de 3 estados, 3 corpos, e 5 níveis do Vedanta/Vajrayana, o sistema de chacras cobre virtualmente todas as bases

importantes. Na realidade, é simplesmente uma versão ligeiramente expandida desse modelo, com 7 níveis em vez de 5.

Mas a perspectiva global é consistente: os 7 chacras são 7 níveis/estágios de desenvolvimento ou evolução. Cada um desses níveis existe em três grandes dimensões: densa, sutil e causal. Na dimensão densa, os chacras são associados a órgãos e sistemas do corpo, como os órgãos genitais, o plexo solar, o coração, a laringe e a glândula pituitária. Nas dimensões sutis, os chacras aparecem como são mais frequentemente representados, isto é como centros sutis de energia e consciência alinhados ao longo da coluna (com meridianos secundários como apresentados, por exemplo, na acupuntura). Na dimensão causal, os 7 estágios são tão sutis e tão etéreos que começam a perder definição, mas ainda estão presentes como a essência causal e suportam todos os níveis e dimensões juniores – o que o Vajrayana chama de "os chacras verdadeiramente sutis".

Isso significa que cada um dos 7 chacras tem uma dimensão de energia densa, sutil e causal. Como Motoyama assinala, cada chacra atua como uma estação transformadora entre essas 3 energias à medida que aparecem no respectivo chacra (por exemplo, o chacra da garganta pode converter energia densa do alimento em energia sutil, ou pode converter energia causal em energia sutil, e assim por diante). Além disso, cada chacra medeia a energia/corpo com a consciência/mente (por exemplo, o chacra da garganta medeia as energias densas, sutis, e causais com os estados de vigília, sonho e sono profundo naquele nível). Em outras palavras, cada chacra contém, em seu nível, o corpo-mente da família-densa, o corpo-mente da família-sutil e o corpo-mente da família-causal; e medeia essas 3 energias umas com as outras E as várias energias com suas mentes correspondentes.

Finalmente, cada chacra também representa um estágio de desenvolvimento ou evolução (os chacras são uma variação da Grande Cadeia: da matéria para o corpo, para a mente, para a alma, para o espírito); conseqüentemente, cada chacra é uma estação transformadora que medeia os grandes estados de consciência (vigília, sonho e sono profundo, os quais estão presentes desde a infância e presentes em todos os chacras) e o conteúdo real, características, gênero e espécie da energia e da consciência, à medida que a evolução ou desenvolvimento acontece através desses 7 grandes estágios ou níveis. Os gêneros e espécies da consciência e da energia não estão completamente presentes ou manifestos na infância e, conseqüentemente, o desenvolvimento é o aparecimento e maturação de 7 níveis de consciência e de suas 7 assinaturas de energia ou corpos correlatos (ou impressões digitais de energia de gênero e espécie em cada um dos 7 chacras). Para os interessados, apresento alguns desses detalhes numa nota explicativa.⁶

IV. Algumas comparações com outros teorizadores

Esta seção usa um índice AQAL acoplado à taxonomia apresentada de energias sutis, para sugerir como a maior parte dos teorizadores e pesquisadores de energias sutis pioneiros forneceram peças inestimáveis do quebra-cabeça global. Juntar essas peças numa teoria integral de energias sutis, exatamente na linha sugerida nas seções precedentes, é, creio eu, uma possibilidade muito real neste momento. Com o intuito de dar uma ideia geral de como tal síntese pode ser obtida, espero ter apresentado "pontos essenciais" suficientes dessa teoria integral nas seções anteriores, bem como as principais confusões importantes que, em minha opinião, devem ser esclarecidas para que qualquer teoria possa ter sucesso.

Os principais teorizadores considerados são Rupert Sheldrake, Michael Murphy, William Tiller, Allan Combs, Robert Becker, Deepak Chopra, Hiroshi Motoyama, Marilyn Schlitz, Larry Dossey e Gary Schwartz, entre outros. Sou um grande admirador de todos esses teorizadores, e boa parte da teoria integral foi desenvolvida, ao longo dos anos, em discussões com muitos deles. Esta seção lida com os detalhes técnicos, mas porque não foi apresentado nenhum conceito importante novo, que já não tenha sido esboçado nas seções precedentes, por enquanto pararei a apresentação por aqui.

Provavelmente em abril, o *Integral Institute* abrirá suas portas para associação a essa e outras discussões semelhantes. Foi planejado um espaço para energia sutil, coordenado por Bob Richards, que vocês poderão achar interessante. Por favor, fiquem ligados ao site www.integralinstitute.org para detalhes.

Notas 1-6

1. Em resumo, cada onda de probabilidade na matriz AQAL possui tanto consciência interior quanto forma e massa-energia exteriores, e essas formas exteriores varrem o espectro desde massa-energia densa a massa-energia sutil, até massa-energia causal (com gêneros e espécies como gravitacional, nuclear, etérica, astral, psíquica, etc. [vide abaixo]). Obviamente, cada hólón também tem dimensões culturais e sociais, e a dimensão social – ou a dimensão interobjetiva, a dimensão da forma coletiva – também tem seus campos coletivos de energia, mas novamente, estamos aqui focalizando hólons individuais.

Essa característica de "massa-energia" do hólón explica por que as tradições frequentemente se referem a esses aspectos como corpos com energias reais – isto é, alguma forma ou tipo de "matéria" (densa, sutil, causal) com sua energia correspondente (tal como "corpo denso, corpo sutil, corpo causal"); esses corpos são os suportes de matéria-energia para os vários estados de consciência. Desse modo, estas tradições (por exemplo, o Vedanta e o Vajrayana) incluem especificamente AMBOS: uma mente ou componente de consciência e um corpo ou componente de matéria-energia, e afirmam explicitamente que não se pode ter um sem o outro. Poderíamos resumir assim: cada consciência interior ou "mente" (QSE) é sempre inseparável de sua energia correspondente ou "corpo" (QSD): daí, corpo-mente denso, corpo-mente sutil, corpo-mente causal.

Numa estrutura AQAL, temos o seguinte: existe uma ocasião real dada, ou um hólón individual dado. Visto do exterior, esse hólón tem uma forma ou padrão discernível; é uma unidade mórfica. Essas formas não são meramente limitadas a formas densas. No estado de sonho, por exemplo, você pode ver todos os tipos de entidades, coisas, eventos, iluminações, imagens de pessoas, e assim por diante. Essas não são formas densas, elas são formas sutis – mas, de qualquer modo, formas; elas são o quadrante superior direito no estado de sonho.

Na evolução, formas num nível particular de complexidade densa assumem um padrão de energia correspondentemente complexo: quanto maior o grau de complexidade, mais sutil a energia correspondente. Esse espectro de matéria-energia é o quadrante superior direito, que vai da massa-energia densa para a sutil, até a causal (com todos os tipos de subespécies – eletromagnético, etérico, astral, etc.).

Mas matéria, forma e energia são como o hólón individual se apresenta do exterior. Toda energia é uma versão de frequência por intervalo de tempo (ou espaço por tempo) – isto é, a própria energia é essencialmente da dimensão "isso". Mas os interiores dos hólons não são experimentados como ciclos por segundos, ou possuindo um comprimento de onda de 6 microns, ou repetindo 2.000 vezes por segundo. Essas são todas condições de terceira pessoa da dimensão "isso" – uma dimensão muito real (isto é, o QSD). Os interiores não consistem de ciclos por segundos ou espaço com extensão, mas sim de sentimentos com intenção, experiências com emoções vívidas, conscientização vivenciada, consciência sentida (isto é, o QSE). Quando uma pessoa diz, "eu estou ficando sem energia," ela quer dizer que está ficando sem intenção, não ficando sem extensão.

É claro que os estados de energia do corpo (denso, sutil, ou causal) podem ser realmente sentidos, mas os sentimentos são apreensões interiores, não formas exteriores. Em todo hólón existem ambos – sentimentos e formas – mas é importante não confundi-los. O que podemos chamar de materialismo sutil (ou a redução de toda a consciência interior a energias sutis exteriores) é tão comum quanto o materialismo denso (a redução de toda a consciência interior a energias densas exteriores).

Por essa razão, resumimos assim: na evolução, quanto maior o grau de complexidade densa (no QSD), mais sutil a energia correspondente (no QSD) e maior o grau interior de consciência (QSE) – e nenhum deles pode ser reduzido aos outros.

2. Isso significa que os estados e/ou estágios mentais ou do QSE – como o meme vermelho, o meme azul, estágio moral 4, conop, e assim por diante – teriam suas próprias impressões digitais microenergéticas ou padrões de assinatura de energia. Vermelho, azul, laranja, etc. são os hólons no QSE; as assinaturas de energia das espécies são os correlatos no QSD a que estou me referindo nessa taxonomia, mas ainda não temos nomes para elas. O mesmo é válido para a energia de espécie no gênero T-2, e, de fato, para muitas das assinaturas de energia individuais e coletivas na matriz AQAL.

3. Novamente, como na nota 2, isso significa as assinaturas de energia desses estados de consciência. *Nirvikalpa* e *jnana*, aqui, são os correlatos no QSE das energias de espécies.

4. O que chamamos de "dados involucionários" são aceitos pela Pós-metafísica Integral, já que é teoricamente impossível pôr de lado todos eles; vide *Excerpt "A"* (wilber.shambhala.com). O ponto é postular o menor número possível de tais dados "metafísicos" visando ao funcionamento de um Kosmos, porque a metafísica se esconde de argumentos de validade e, desse modo, está aberta a – e quase sempre é infectada por – impulsos de poder.

5. As citações que se seguem são de *Theories of the Chakras*, pgs. 21, 281, 282.

6. Detalhando um pouco: o bebê ao nascer tem todos os 7 chacras, particularmente em suas formas densas, mas os chacras estão largamente adormecidos (especialmente em suas formas mais sutis). Cada chacra contém ou transmite um estado de vigília, sonho e sono profundo; e cada chacra possui uma correspondente família de energia densa, sutil, e causal oscilando através dele (embora, novamente, os chacras mais elevados estejam relativamente adormecidos, e os gêneros e espécies de energias estejam relativamente adormecidos). À medida que ocorre o crescimento e o desenvolvimento, chacras mais elevados sucessivamente são acordados; embora, considerando que cada chacra existe numa dimensão densa, sutil e causal, essas dimensões podem, às vezes, desenvolver-se desigualmente. Muitos adultos, por exemplo, amadurecem para os chacras densos mas com pequeno despertar dos chacras sutis (Leadbeater, por exemplo, escreveu extensivamente sobre esse tópico). Vide *Psicologia Integral* para uma discussão do desenvolvimento dos "três domínios".

Sempre que um chacra desperta, assume o conteúdo do estágio de desenvolvimento de sua posição; e atua como mediador entre os grandes estados de vigília, sonho e sono profundo (e suas energias), cujo conteúdo está sendo fornecido pelo estágio real de desenvolvimento (como vimos com o exemplo dos conteúdos do estado de sonho). Novamente, esse é essencialmente o modelo do Vedanta/Vajrayana, apenas sofisticado e dissecado. Vide *Sidebar G, "States and Stages"* (wilber.shambhala.com) para uma completa discussão desse tópico.

Tradução de Ari Raynsford (www.ariray.com.br) em novembro de 2003.

Revisão em dezembro de 2007

Revisão ortográfica em setembro de 2009